

GUSTAVO BARROSO

S o l , M a r e S e r t ã o

EDUARDO CAMPOS

GUSTAVO BARROSO

S o l , M a r e S e r t ã o

Fortaleza
1988

“A glória do sol matutino banhava de ouro as várzeas magníficas. A púrpura do ocaso arroxava os troncos das carnaubeiras e o vento da tarde plangia saudoso em seus leques verdes. Depois, a lua fazia de cada caule um juste de prata, de cada fronde um penacho esbranquiçado, do charco um tapiz de pedraria e das águas quietas espelhos venezianos. Cada hora dava a esse carnaubal, cuja saudade mora comigo, um encanto novo que talvez só os meus olhos soubessem ver”.

O Consulado da China

GUSTAVO BARROSO

“Não pode haver mal algum em se querer que as coisas tenham calor”.

O Conciliador

F. SCOTT FITZGERALD

“Se vossas mercês me dão licença, contar-lhes-ei um conto que se passou no meu povo...”

D. Quixote de la Mancha

CERVANTES

SUMÁRIO

O Passado e o Presente	
<i>Mozart Soriano Aderaldo</i>	9
1 Os venturosos dias da infância.....	19
2 As primeiras atrações aquíferas ou o jovem inquilino do sobrado branco de portas azuis	27
3 O caminho do sertão começava em Jurucutuoca	33
4 O menino danado e o mundo da maresia e salsugem ..	41
5 O invejado mancebo de colete verde da cor de pano de bilhar	49
6 O jornalista que não era um só; mas dois.....	57
7 O migrante desarvorado mas disposto a pelejar	63
8 Nascimento e glória de um livro.....	71
9 O marinheiro vira vaqueiro, e conta o sertão com muita sabença	77
10 Os parceiros nas alegrias e no infortúnio.....	89
11 A outra metade do vaqueiro: o mar	95
12 O anotador conta antigas intimidades de se povo	103
13 O lutador vence, mas experimenta as asperezas do mundo.....	111
14 O desafio terrível da última batalha	119
15 O viajante na cidade de Deus	125
Referências Bibliográficas.....	133
Apêndice	137



Gustavo Barroso - Bico de pena de Rubens Azevedo - 1988.

O PASSADO E O PRESENTE

Em uma de suas “Vivências Políticas”, que supriram a não publicação de suas esperadas memórias, o ex-governador Parsifal Barroso, intelectual da melhor cepa, declarou ser de seu gosto “unir o passado ao presente”, procurando “conferir essas ressurreições interiores do tempo que se foi” com os eventos do momento atual. Declarou, até, o mais culto de quantos governadores tivemos que se filiava à “corrente que conceituava o tempo como um *continuum*, em que passado, presente e futuro se ligam por uma simultaneidade interpretativa.”

Lembrei-me, ao ler esse seu depoimento sobre coisas do passado, de palestra proferida, na década de 1950, por seu parente Gustavo Barroso na movimentada Casa de Juvenal Galeno, ouvida pelo que Fortaleza então possuía de mais requintado na sociedade, nas letras e nas artes. O tema era o mesmo de Parsifal – o passado e o presente. E o brilhante autor de *Terra de Sol* e de mais de uma centena de obras notáveis nos campos da sociologia, do folclore, da historiografia e da literatura em geral, relatou, com a graça com que só ele sabia urdir suas histórias, três casos realmente acontecidos com ele, muitos anos antes, e repercutidos, tempos depois, em episódios inesperados. O primeiro desses casos referia-se a uma das pescarias que

membros da família de sua avó paterna, estabelecida no então município de Messejana, realizavam sistematicamente, todos os anos, em época apropriada, na embocadura do rio Pacoti. Gustavo e seu falecido pai Felino Barroso, por muitos apontado como o protótipo do cearense, participavam por vezes, dessas atividades típicas da vida rural. E em uma delas ocorreu o imprevisto episódio que justificou o relato do grande escritor conterrâneo, muitos anos após, em ambiente distinto, cativado por sua palavra fluente, fácil, encantadora. Costumavam os Nunes de Miranda, donos do sítio Jurucutuoca, organizar, em época propícia do ano, essas pescarias, em que a barra do Pacoti, após a enchente da maré, era por eles obstaculizada através de cercas e redes a fim de represar a piracema de deliciosos peixes que haviam subido o rio, principalmente as afamadas “golosas”. Tudo feito naquela vez, eis que surge, de inopino, um cão raivoso que obriga todos, proprietários, peões e visitantes, entre os quais se achavam Gustavo e Felino, a subirem nos cajueiros circunvizinhos, com o objetivo de escapar da mordida mortífera. Enquanto isso a maré refluiu e acumulava, junto aos obstáculos adrede colocados, a piracema desesperada, a forçar sua volta ao mar. É quando a cerca e as redes não resistem, ocasionando a debandada dos peixes em abundância. O velho Felino então se volta para o filho, ainda criança, e comenta, desolado: – Tanta “golosa” e nós aqui, impotentes... Muitos anos depois, falecida a avó e as tias paternas de Gustavo, este veio buscar o pai, quase centenário, para morar com ele em Copacabana. O deslocamento foi uma tragédia para o velho cearense. Vários depoimentos, inclusive o comovente relato de Herman Lima em seu livro de memórias *Poeira do Tempo*, infor-

mam que Felino, ao saber que alguém viria a Fortaleza, recomendava, quase chorando, que abraçasse por ele as velhas árvores da Praça do Ferreira e do Passeio Público. Certa vez Gustavo o encontra, nostálgico, no calçadão da Avenida Beira Mar, em Copacabana. E faz pilhéria com o velho: – Como é, meu pai, olhando esses seis quilômetros de mulheres nuas? Felino o fita, entre triste e malicioso, e responde incontinentemente: – “Pois é, meu filho, tanta “golosa”. .. Era o passado unido ao presente, “conferindo essas ressurreições interiores do tempo que se foi”, na palavra de seu parente Parsifal...

Outra estória relatada por Gustavo naquela memorável noite na Casa de Juvenal Galeno dizia respeito a episódio em que ele e um seu amigo do Rio se viram envolvidos ocasionalmente. Quando menino, dos mais endiabrados que esta cidade já teve, Gustavo passava pela Rua das Flores (atual Castro e Silva), quarteirão entre as ruas Formosa (hoje Barão do Rio Branco) e da Palma (crismada de Major Facundo), quando notou que um dos quatinhos do Hotel Barrócio, então instalado na esquina sudoeste das ruas Major Facundo e Castro e Silva, se encontrava semi-aberto. Olhando para dentro, viu-o desocupado e veio rápido o desejo de mais uma traquinada, a de tanger um jumento, que pastava perto, para dentro do quarto, fechando a banda inferior da porta, pois se tratava de peça bipartida horizontalmente, costumeira em nossa cidade de outrora e ainda hoje encontrada no interior do Estado. Passaram-se os anos, muito tempo mesmo, quando, em encontro com vizinho seu em Copacabana, que amparara o saudoso cearense em seus difíceis primeiros tempos na antiga capital da República, aquele se queixou dos filhos que não o permitiam mais excursionar pela Europa, temendo que durasse a viagem lhe ocorresse algum problema de saúde. Gustavo, en-

tão, com muito jeito, temendo magoar o antigo benfeitor, diz-lhe que seus filhos tinham certa razão e que ele satisfizesse seu insopitável desejo de viajar conhecendo o Brasil, o Norte e o Nordeste, tão desconhecidos dos sulistas e porisso mesmo tão desestimados. O velho cala, pensa e depois responde: – Eu conheço todo o Brasil, o seu Nordeste inclusive, pois comecei minha carreira como caixeiro viajante. Tenho, até, de sua cidade, Fortaleza, uma impressão morredora por causa de episódio jamais esclarecido. Hospedara-me em hotel modesto e à noite, precisando de cigarros, deixei meu quarto entreaberto e fui adquiri-los na tabacaria mais próxima. Ao regressar, porém, encontrei-o fechado em parte e com um jumento, tão espantado quanto eu, em seu interior. Gustavo não se conteve e soltou prolongada gargalhada, que atarantou o amigo, após o que foi explicado tudo, sequenciando-se outra gargalhada de Gustavo, agora seguido por seu amigo, mais antigo do que ambos supunham. Era, outra vez, o presente unido ao passado, procurando “conferir essas ressurreições interiores do tempo que se foi”...

Uma terceira estória foi, naquela inesquecível noite, relatada por Gustavo Barroso. Aqui, minha memória, que, modestamente, considero razoável, vem a falhar, precisamente porque conheço muitos episódios em que se viu envolvido o autor do segundo livro na ordem de grandeza (o primeiro não poderia deixar de ser *Iracema*, de José de Alencar) de autor cearense – *Terra de Sol*. Mas creio que foi a que passo a resumir, a terceira contada por Gustavo naquela noite. Intelectual vitorioso, autor de livros aplaudidos no sul do país, membro e Presidente da Academia Brasileira de Letras, embaixador do Brasil em várias oportunidades, freqüentou ele, quando menino encapetado, a casa de um moleque bem criado por caboclo arranjado e

residente junto ao quase extinto Poço da Draga, na Praia Formosa e proximidades do Passeio Público, onde Gustavo satisfazia sua fome quase canina (jantava no sobradão da Rua Major Facundo; reforçava a refeição, pouco depois, na casa de sua prima Isa, mãe de Waldir Liebman, no quarteirão seguinte ao da Santa Casa, na Rua Barão do Rio Branco; e contentava ainda seu apetite insaciável na casa desse caboclo arranjado, muito ancho de ver o filho com amizade com um menino amolecado, é bem verdade, mas integrante de uma das mais importantes e respeitadas famílias cearenses. Como Gustavo recorda, com água na boca, as deliciosas peixadas de seu amiguinho de infância! Passam-se os anos e é o vitorioso cearense procurado por um homem fisicamente acabado, sujo, maltratado, que surpreendeu seus auxiliares no órgão que dirigia ao dizer que fora amigo do Diretor, com quem queria falar. Ensejada a entrevista, eis que Gustavo Barroso, com dificuldade, reconhece naquele trapo humano o molequinho cujo pai o saciava com deliciosas peixadas. E comoveu-se: mandou banhá-lo, barbeá-lo e vesti-lo adequadamente, encaminhando-o depois a amigo seu, dono de loja, para que o empregasse, o que foi feito incontinentemente. Dias depois soube que seu recomendado não se comportara bem e sumira do emprego, dando prejuízo ao patrão, que não o denunciou em atenção ao recomendante. Passa o tempo e Gustavo o avista, de longe, nas imediações da Central do Brasil, na situação deplorável em que o reviu no Rio de Janeiro. Esta terceira é uma triste estória, ao contrário das duas outras, mas é uma história real que, igualmente, une o passado ao presente, procurando “conferir essas ressurreições interiores do tempo que se foi” com os fatos mais recentes.

Comemora o Brasil, neste mês de dezembro de 1988 (no dia 29 precisamente), o primeiro centenário de nasci-

mento do grande polígrafo cearense, três de cujas estórias foram por mim palidamente resumidas aqui. O Instituto Nacional do Livro, atendendo a antiga sugestão minha, formulada no Conselho Estadual de Cultura, cuida de mais uma reedição de *Terra de Sol*, com prefácio de Djacir Menezes, um dos maiores, senão o maior cearense vivo, por sua cultura, sua inteligência e seu caráter.

No Ceará, em tempo bastante hábil, preparei a reedição das deliciosas memórias de Gustavo Barroso, com centenas de notas minhas ao pé das páginas, atualizando as referências toponímicas para facilitar, destarte, a leitura da obra pelas novas gerações. Fi-lo com dedicação e amizade, pois muito me honro de ter sido um dos amigos, e amigo do peito, do grande cearense. *Coração de Menino*, em que relata sua infância e o colégio Parthenon Cearense, do professor Lino da Encarnação, esquecido de muitos mas não dele, Gustavo; “Liceu do Ceará”, onde revive seus dias no belo e não mais existente casarão na Praça dos Voluntários, então levantado ali mesmo onde se acha o prédio da Secretaria de Polícia, que, contrariando a de Vitor Hugo, para quem a fundação de uma escola corresponderia ao fechamento de uma prisão, sucedeu ao desmoronamento do importantíssimo estabelecimento de ensino secundário; e “Consulado da China”, designação de sua “república” de estudantes, quando cursava ele a nossa querida Faculdade de Direito – eis a trilogia que, num tomo só, não muito volumoso, gostaríamos de ver reeditada no transcurso do centenário de seu imortal autor. Os originais acham-se, há meses, na Imprensa Oficial do Estado, sem que mão justiceira os desengavete e assim concorra para que o Ceará, terra de seu laureado autor, não esteja aquém,

muito aquém, de outras regiões, especialmente o Rio de Janeiro, nas comemorações de um centenário que nos é muito caro. A não ser que a mão benfazeja do Chefe do Executivo Cearense retire do “limbo” os originais da interessantíssima obra de Gustavo Barroso, fazendo-a vir a lume.

Apresso-me em corrigir a injusta generalização. O Ceará todo, não. O Conselho Estadual de Cultura, por exemplo, tudo tem feito para sensibilizar quem de direito e sanar a lastimável omissão, à espera da oportunidade feliz de fazer justiça e louvar aquele que o ajude na difícil tarefa. Fui eu, um de seus integrantes, que anotei, amorosamente, a grande obra. E os demais se têm esforçado, no respeitável órgão, pelo sucesso da empreitada. Diga-se o mesmo da Academia Cearense de Letras e da Sociedade Cearense de Geografia e História, onde o assunto tem sido reiteradamente tratado.

Por sua vez, o velho guardião das tradições cearenses, o indormido Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), há diligenciado no mesmo sentido e tem ido além, publicando, sob sua responsabilidade, originalíssima biografia de Gustavo Barroso, elaborada por um de seus, o aplaudido homem de letras e pesquisador incansável que é Eduardo Campos, a circular precisamente na data centenária do biografado.

É para esta edição da biografia de Gustavo Barroso, escrita por Eduardo Campos, que fui honrado com o convite, quase intimação do dinâmico Presidente do Instituto, o emérito doutor Antônio Martins Filho, professor e reitor da Universidade Federal do Ceará, secundada essa indicação pelo consócio Eduardo Campos, polígrafo de valiosos estudos sobre o Ceará e sua gente, de par com seus reconhecidos méritos de autor de obra de ficção.

Saliento esta faceta do autor da biografia porque, escrita por pesquisador impenitente e honesto, não lhe faltam os ouropéis de quem afeito é ao levantamento da realidade através de imaginação criadora. E apressome também em desfazer

conclusões apressadas, que poderiam julgar a obra biográfica eivada de criações imaginativas. Nada disso! O critério do autor, já reconhecido e proclamado, se confirma e reaparece translúcido na obra biográfica. A capacidade criativa de Eduardo Campos aparece, no caso, como mera complementação estilística, fazendo com que a obra seja de agradabilíssima leitura.

Eis por que, através deste empreendimento, não somente Gustavo Barroso, merecedor sem dúvida desta encantadora homenagem de Eduardo Campos e do Instituto do Ceará, que ele tanto estimava, se acha condignamente distinguido, como sobressaem, por igual, a grandeza do aludido autor da obra e da entidade patrocinadora de sua publicação, tão bem presidida pelo incansável realizador que é o professor Antônio Martins Filho.

Sinto-me feliz e honrado em participar do evento, através deste prefácio escrito quase *currente calamo*, na certeza que tenho de assim concorrer, modestamente embora, para o maior brilho das comemorações do centenário de nascimento de meu imenso e saudoso amigo.

É o passado unido ao presente ao “conferir essas ressurreições interiores do tempo que se foi”...

1

Os venturosos dias da infância

O Coro:

“Cavalo-marinho Vai pra sua escola
Aprender a ler *E a tocar viola.*”

AUTO DOS CONGOS

Fortaleza, dezembro de 1988
MOZART SORIANO ADERALDO

CEARÁ, Terra de Sol e de Gustavo Barroso.

Um e outro emolduram-se, ao longo do tempo, num mesmo sentimento de convivência amantiva que haveria de marcar o escritor com emoções que o tornariam grande e admirável.

Deram-lhe, ao nascer, a 29 de dezembro de 1888, encompridado e ressonante nome assim escrito por extenso: Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso, que, mencionado anos à frente, para constar do livro de chamada de alunos do Liceu do Ceará, fez pascar o bedel. Por ser tão longo, acudiu a encurtá-lo, tosando-o o secretário do mesmo estabelecimento de ensino, tirando de uma só penada o Luiz, o Guilherme e o Cunha.

Ao passar dos anos o nome encurtaria mais, restando, adiante, despido do Adolfo. E, afinal, a soar principalmente para o mundo intelectual, como ficou seu dono conhecido: Gustavo Barroso.

A mãe, a frágil mas bem silhueta Ana Guilhermina Dodt Barroso, perdeu-a o filho pelos sete dias de nascido. O pai, Antônio Felinto Barroso, cartorário de expres-

siva longevidade e bom coração, ficou como principal amparo doméstico, levando-o à iniciação de promissora existência, que, naquele lar de pouca preocupação com os assuntos religiosos, teria de começar mesmo pela educação escolar.

Assim, haveria de chegar o menino órfão de mãe ao Colégio Parternon, não sem ouvir antes a explicação de uma das tias que o ajudavam a criar:

- “Estás ficando crescido e teu pai acha que não tenho mais nada que te ensinar. Tens nove anos e já és quase um rapazinho. Precisas de um bom colégio. Queria levar-te para o Anacleto, mas eu me opus, porque ele é muito rigoroso, dá pancada e a pancada não educa, avilta. Acabou resolvendo levar-te ao velho Lino da Encarnação, que parece ser boa pessoa e ensinar muito bem. Não tenhas medo. É para teu benefício...”

Mais tarde, já diante do respeitável e adestrado mestre, depois de percorrer o interior da escola, renteando as salas de aula em cujas paredes pregavam-se vistosos mapas, viu-se apresentado pelo pai, sem arroudos:

- “É este o meu filho. Faça o favor de ver em que ano pode matricular.”

O futuro discípulo é acolhido com benevolência e inquirido de modo afável. E vai sabendo responder às perguntas, umas sobre história do Brasil; outras sobre geografia e português. Fá-lo com desembaraço, sem vacilar, muito senhor de conhecimentos.

- “Seu menino está mais adiantado do que eu pensava. Vou inclui-lo no terceiro ano do curso primário. Para o ano, já poderá iniciar o curso secundário.”

Adiantado, decerto, não apenas em matérias da escola, mas nas coisas que a vida, por aqueles dias, tinha para oferecer a um mocinho esperto e inteligente.

A cidade, a pouco e pouco, concorre para o aprendizado de quem, mais por diante, haveria de enobrecê-la. E a tanto, nessa didática dos verdíssimos anos, vocacionado a conhecer, a decifrar a nomenclatura de ruas e praças do mundo geográfico e sentimental que principia a amar, escuta ao pai os esclarecimentos que o ajudaram a se educar:

– “Os nomes das ruas duma cidade, meu filho, refletem a sua vida e resumem a sua história. É um erro, senão mesmo um crime, mudá-la a cada passo, sobretudo para homenagear a individualidades passageiras. Destrói-se a tradição, que deve ser sagrada, porque é a alma duma Pátria. Não pode haver pátria sem tradição.”

Desse modo vai o menino Gustavo aprendendo a dar valor ao antigo, ao que foi, não é mais. E, ainda assim, paradoxalmente, continua sendo.

Em seu livro de memórias, já adulto e bem vivido, quarenta anos depois dos venturosos dias de infância, o escritor dá as razões por que em sua casa, o que vale dizer, em sua família, “se falava tanto em tradição. Único menino no meio de gente velha e conservadora, eu tinha ainda” – conta – “a aumentar o amor ao passado e aos seus ideais de ordem e construção o sangue germânico de minha mãe, filha do engenheiro alemão Gustavo Dodt, que dera sua vida ao serviço do Brasil, explorando rios, estudando os costumes de seus indígenas e construindo suas linhas telegráficas. A sua estirpe era a dos Von Lanzehr, de Damenberg, no Hannover, e a de sua mulher, a dos Von Mohlielbroeck, de Dantzig.”

A tradição, portanto, fluía generosa desse lado de linhagem, e também dos antepassados paternos. O avô, “capitão José Maximiniano Barroso, filho do velho José Fidélis Barroso, a que alude o viajante Koster, hóspede de

sua casa nobre, no Aracati, no começo do século, por ser “o homem de mais prestígio e fidalguia daquela cidade.”

Mas o sangue mais generoso, que acabaria importando na formação da personalidade do expressivo autor de *Terra de Sol*, recebê-lo-ia ao longo de grande parte de sua vida do abençoado chão que o viu nascer.

O Ceará, a começar de Fortaleza, estaria tão entranhado nele, e, de tal forma, que acabaria sendo o despertar de sua inegável grandeza literária.

O escritor que surgirá desse menino, de venturosa vida, saberá lembrar sempre, muito depois, a imagem verdadeira do chão que pisou, chão experimentado (sentido e amado), mesmo quando constituído da ‘terra cor de oca, avermelhada, da argila granitada de grossa sílica, dos granitos rompendo a terra em pontas que se adunam e denteiam desajeitadas, esparsas, às vezes rubras, outras sujas, torvas, quase sempre inclinadas para resistirem à erosão das águas’ – como registra *Terra de Sol*, seu livro maior – já nele amadurecido o escritor, observador atento e perspicaz, senhor de um coração fácil aos eternecimentos pela natureza (a áspera moldura do ecúmeno em que se insere) de sorte pouco encorajada ao desfrute de verdes permanentes.

Em tudo e por toda parte, pelos caminhos que trilhou, pelo sul, para onde se transmudou, ou nas distâncias percorridas, por outros países e novos sítios onde demorou sob a acolhida distinta da glória e de admiradores, nunca deixou de estar nele a lembrança do Ceará de “várzeas extensas”, perlongando rios de caudais intermitentes, o som inconfundível do vento nas carnaubeiras, árvores esguias, testemunhas e sentinelas do sofrimento das grandes secas passadas, tendo cada uma na “cintura

do caule atrofiado à falta de seiva” marcas da tragédia.

Nele, no menino que se dispõe ao aprendizado da vida, o sertanejo impávido, o vaqueiro corredor de campos, o contador de história (e também de estórias), que não tardará revelar-se no escritor regional e erudito que sabe o que vale a terra ressurrecta, desconturbada e molhada, a relva pastejável e o mundo todo outra vez revestido de

2

As primeiras atrações aquíferas ou o
jovem inquilino do sobrado branco
de portas azuis

O Coro:

“Vamos, vamos embarcar! Rema pra nossa
fragata, Que o mar já se vira em rosas E a
embarcação é de prata.”

AUTO DOS FANDANGOS

tons maravilhosos de múltiplos verdes que antecipam o paraíso, como se o homem estivesse a contemplar o segundo dia da criação do mundo: “Produza a terra relva, ervas que dêem semente e árvores frutíferas que dêem frutos. – .” (Gênesis, 1; 11).

O menino Gustavo cria-se rico em fabulação. “A imaginação das crianças é maior do que a imaginação dos poetas”, – confessa quando adulto.

Adora heróis. Quer ser um deles, comandar soldados, ou, no oposto inesperado desse sonho, tornar-se simples tocador de animais, um bolieiro.

São palavras do escritor na maturidade: “Os poetas fazem das folhas esmeraldas, das gotas de orvalho diamantes, dos dentes de suas amadas pérolas. Os meninos vestem o mais humilde cocheiro com uma refulgência de sonho e bordam na farda do mais simples soldado o louro dos heróis, porque arrastam um caixãozinho de rodas como uma locomotiva, silvando e apitando por ela, porque alinham dez soldados de chumbo como se fora um exército, porque entram com todo o seu eu no processo imaginativo e multiplicam tudo como verdadeiros criadores espirituais.”

Sempre que pode, o menino sonhador vai viver os

seus sonhos pelas ruas, pela orla marítima, no lugar que, aos poucos, elege por cenário de sua fantasia.

Desce todos os dias do bonito sobrado em que mora, sua fortaleza e refúgio todo pintado de branco, de vistosas portas e janelas, seis ao todo, em forte tom azul. É casarão à feição de prédio colonial, a lhe infundir medo a percorrer o corredor longo e escuro, que vai do limiar da porta da frente, no térreo. até o fundo do quintal onde ficam os animais de serviço doméstico.

Quando chega à boca da noite, após cumprir o exercício desembaraçado de infância alegre e pouco vigiada, fecha os olhos para vencer esse túnel de ligação da intimidade interior com a rua. Temeroso – não parece o herói que se viu na rua, instantes atrás; alcança a escada de acesso aos cômodos superiores, indo desembocar “na sala de visitas iluminada, com seus grandes espelhos, suas mesas de pés de garra, seu velho piano Gaveau, as cadeiras de balanço de pau preto e a mobília de vinhático dos pés de cachimbo: doze cadeiras, quatro poltronas e um canapé.”

Hora de repouso. O guerreiro que, desde a manhã, pervagou pelo Poço da Draga, onde apostou sucessivas travessias do canal, a nado, relembra o almoço engolido apressadamente, junto cos amigos de igual idade; e como grimpou os coqueiros, bebeu água de coco, e sentiu o mar, o vento do oceano açoitando o “coqueiral rumorejante”. É seu recordar deleitoso, realmente feliz:

“A esmeralda do mar rebrilhava aos raios dum sol de fogo. A alva areia dos morros encadeava a vista. Que coisa maravilhosa! Ainda me lembro de tudo isso com arrepios de prazer.”

São dias de atração aquífera.

Vale o mar, e vale o inverno que, generoso por aque-

les dias, constrói várias piscinas na periferia urbana da Fortaleza a começo do século. Por todos os lados, reservatórios empanzinados d'água; no Benfica, a lagoa do Tauape; pelos sítios de Jacarecanga e Alagadiço, o açude João Lopes, e, no Matadouro, o do Padre Pedro. Sem falar no Pajeú, convidativo e apetecente ao banho, sombreado pelas árvores, farto de piabas que podem ser pescadas com improvisados anzóis de alfinetes.

O longe está perto da urbe. Matas verdejantes, disponíveis depois de breve caminhada, avultam. Pelos lados da Praça São Sebastião há cajueiros, pés de pinhão bravo, e, imperando, o mata-pasto invasor.

Há riachos que se multiplicam, sussurrantes, imprevisíveis nos caminhos. Destes, o do sítio do velho Lourenço Porto, para as bandas do mar, onde a passagem é atração que desperta a curiosidade, o desfrute do filho de Ana Guilhermina Dodt Barroso.

Ali, um dia, pretende encontrar um navio de verdade, barco visualizado nos sonhos de marinheiro frustrado.

O impossível acontece. De repente, entremostra-se-lhe presente, e vivido, o navio, ou algo assim em construção; o madeirame pondo-se de pé, atacado pelos homens do mar em plena elaboração artesanal.

Cauteloso, pé ante pé, vai a ele o menino. Deixa-se arrebatado pela quilha da embarcação – imensa na sua imaginação –, descansando apoiada em fortes toras de cajueiro brávio, em torno das quais há toda a azáfama de trabalho, a agitação de carpinteiros, tócc-tócc, tócc-tócc...

– É um batelão? – indaga.

– Um o quê?

– Um batelão, já disse.

Era. Não para o mar forjador de idéias, promitente de aventuras a menino sequioso de saber. Ia servir no Amazo-

nas – dizem-lhe –, barco próprio para água doce...

Podia haver decepção maior?

Ele próprio, anos depois, em suas memórias confessa:

“Não dou mais uma palavra. Vou embora completamente decepcionado. Tanto tempo perdido com tanta dedicação e tanto sonho, pensando tratar-se dum navio de verdade que veria sulcando as ondas do Atlântico e, à última hora, sai-me um barco de água doce!”



Vencido o dia de alegrias e decepções, o menino torna ao sobradão de paredes brancas e portas azuis.

A uma mesinha de estudo, numa estantezinha que pertenceu antes ao avô, apanha um livro. Vai ler na sala principal, a de receber visitas, “balançando-se numa antiga cadeira de pau preto”, comendo umas tantas goiabas de que se supriu ao passar pelo quintal. É ato de estudada e lenta gastronomia, a vagar, sempre a vagar, a aproveitar inclusive o forte odor da fruta.

Aí estão as obras que lhe incendeiam a imaginação.

Versos de Gonçalves Dias, histórias espanholas romanceadas; *Paulo e Virgínia*, e, dentre tantas que aguçam a sua curiosidade, *O Derradeiro Moicano*, permanente

3

O caminho do sertão começava na Jurucutuoca

Vaqueiro:

Vá buscar o meu garrote nas campinas do sertão! Meu Deus, meu amo me chama, Meu Deus, para que será?"

AUTO DO BUMBA-MEU-BOI

estímulo à sua vocação de desbravador sertanejo, pioneiro a seu modo, querendo ser do mar, mas sendo sobretudo do chão, da terra generosa em que pisa.

Em breve, senão brevíssimo capítulo, com que abre o terceiro volume de suas memórias *O Consulado da China*, denominado *O Descobrimento do Sertão*, Gustavo Barroso rememora: “Meu padrinho, o capitão Antônio Leal de Miranda, revelou-me o sertão.”

É bem verdade que o autêntico sertão o adolescente Gustavo contempla pelos campos de Quixeramobim, com bastante opulência de visão e degustação culinária, mostrado e vivido pelo mais abastado criador da ribeira do Banabuiú, proprietário de pelo menos cinco bem situadas fazendas, todas muito bem servidas por açudes e verdejantes pastagens.

Mas o sertão já lhe era familiar pela paisagem circundante da Fortaleza em que se criara, cidade nitidamente marcada pela influência rural (que se deve entender sertão), com o casario dos sítios, a partir das Damas, lembrando em seus casarões a presença do homem e coisas dos sertões. Desse modo, a casa do Sítio Curió, nas proximidades de Messejana; a do Sabiaguaba, incrustada numa

porção de beira-mar e interior; finalmente, a da Jurucutuoca, “perto da lagoa da Precabura”, no caminho de Messejana para Cascavel.

Quando estudante, cursando o Liceu do Ceará, montado no cavalo Batata – alimária preferida –, o jovem Gustavo estugava-o na marcha de sua conveniência, a chamada “estrada baixa”, a demandar o caminho da Jurucutuoca “pelo empedramento da Rua Major Facundo”, a vencer as areias, o calçamento de Messejana, a ponte do riacho que então descia do Tauape para o Cocó, tudo sob o túnel de cajueiros, vendo e ouvindo a revoada de pássaros: caboclinhos, golas e papa-capins.

E alcançando a Jurucutuoca, não podia esconder a alegria de “folgar pelo sítio afora, todos os dias, despreocupadamente, armando arapucas às rolinhas, fojos aos preás, mundéus aos tatus e laço às raposas, chupando cajus deliciosos, assando castanhas, colhendo murtas, guajirus, camapuns, manapuças, cumatis, mangabas, muricis, mapirungas e melancias da praia, todas as gostosas frutas do mato nos tabuleiros da beirada da lagoa da Precabura...”

Aí, flagra-se com bastante transparência a vocação de Gustavo Barroso pelas coisas simples da paisagem que se desentranha dos limites urbanos. Ele, em tudo por tudo, tem gosto de menininho do sertão, adorador de jeropiga, gengibirra, rolete de cana, de prazer indesculpável e gula aguçados pelas vendedoras de rua: “pastéis de carne e de nata, doces secos temperados com gengibre, suspiros, alfenins, filhoses, quindins, bons-bocados, queijadinhas, bolo de milho, pão-de-ló fresco e torrado.”

O menino sonhador, acostumado a acordar na Jurucutuoca, pressuroso por sentir as delícias do sítio, é o mesmo que desponta no rapaz, anos adiante, de repente des-

pertado do sono profundo que o arrebatava sobre montaria sertaneja, vencido pelo cansaço, sem ao menos se importar com a chuva que cai em bategas, a abrir os olhos e ver com muita emoção as águas do Quixeramobim rolando, “ribombando, de encontro às margens solapadas” do seu leito.

– “O rio desceu. É água muito! Não há quem possa passar...”

“Entre a colina” – conta o escritor em *O Consulado da China* o que foram esses instantes –; onde se erguia a casa grande do Condado e o rio, no meio de juremas e catingueiras, ostentava-se um castelo natural de pedra, enfeitado de cardeiros. Ao entardecer, gostava de subir à sua mais alta plataforma e deitava-me encostado a um respaldo, imerso na doçura do crepúsculo. Pensava na minha vida, cercada de barreiras por todos os lados. Qual seria meu destino no mundo, pobre e só, contando unicamente comigo mesmo? Sobre a natureza desabava uma grande melancolia.”

Pelas noites desses longes de sertão iam-lhe contando as histórias de cangaceiros, “enquanto o padrinho roncava” – narra ainda o escritor – e ele pressentia ir-se abrindo “novas perspectivas sobre o vasto cenário das almas sertanejas.”

Estava aí uma das faces do sertão, que haveria de conservar primitivo e puro, por mais tempo. Mas não muito desassemelhada da que também aprendia a contemplar desfilando “entre os renques das altas cajazeiras da estrada do Siqueira, ouvindo a alvorada dos galos-de-campina”, e envolvido pela quente luz do sol na “ponte rústica do Maranguapinho” (...), “enquanto as rolas levantavam entre as carnaúbas o vôo tatalante.”

Desse modo, as emoções quando demandava a “Água Boa”, mundo envolvente e caricioso que arranhava nele a idéia e a inspiração que o levariam, um dia, a escrever sua

obra prima, *Terra de Sol*, de verdade deslumbrante canto de louvor ao Ceará e a seu povo.

Era a estação das águas: o inverno. Todos os riachos, diz, “córregos, levadas e grotas, cantavam a canção das águas fartas” àquele instante.

Essa visão, contemplada na embriaguez visual do adolescente, está vivamente recordada.

“Nos buracos das varjotas, nas arrieiras dos caminhos, nos salgadinhos e nos massapês, o tauá amolecia e encharcado afundava sob as patas do cavalo e respingava-me as botas com estrelinhas de ocre e terra de Sena. Nas palhoças perdidas pela solidão sertaneja rendeiras quietas, trocando bilros nas almofadas. Nos ribeirões cheios, os cantos das lavadeiras ensaboando a roupa. Aquelas vozes perdiam-se no ar, trêmulas, saudosas e melancólicas como o sussurro dos pendões de milho nas noites de luar, quando as galinhas cacarejam devagarinho nos poleiros, sentindo a vizinhança do guaxinim ou da raposa.

“Subia a primeira lombada na ponta da serra da Taquara e lá de cima descobria toda a ribeira do Ceará, o sertão dos Punarés ou o sertão dos Ratos dos conquistadores portugueses. Minha vista devassava o vasto plaino que vai dos morros brancos da Itarema de Pero Coelho aos contrafortes do Baturité, mosqueado de serranias e serrotas azuis emergindo do mato ralo das caatingas. Uma moldura mais azul do que o céu corria acastelada pelo horizonte: os picos da Taquara, do Maranguape, da Tucunduba e da Jubaia; o dorso altaneiro do Acarape, a corcova do Bacamarte, o cocuruto do Lageiro, a encosta atorreada da Palmeira, o lombo encurvado do Rato e a cabeça bronca do Gigante; depois, as serras do Rodeador e dos Negros; por fim, fechando o círculo, os perfis da Arara. Aqui e ali serrotas isoladas, *mounds* colossais, ensombrando o bugi

alto, o junco luzidio, o mimoso sorridente, o panasco verde-claro e o quebra-panela florido, com vultos esgalhados de catingueira a lhes subirem pelos declives: o Feijão, o Bode, o Pinhões, e o Pão de Açúcar. Por entre as frondes e as jitirenas roxas, nódoas fortes do sol nos talhados de garnito empoeirados de mica. No fundo do vale, o rio Ceará corria lentamente, sussurrando nos seixos rolados e nas areias claras das coroas, levando a água colhida nos roques abruptos do Baturité ao antigo ancoradouro dos maracatins do holandês Matias Beck.

“Como eu adorava aquele sertão! Como ainda o adoro guardado inteirinho dentro de mim!

Caminho do sertão, velho conhecido meu!

Quantas vezes te percorri em busca da fazenda amiga, quando o inverno sorria, em demanda das praias, quando a estiagem chegava! Quantas vezes! A fita ondeante de tua argila clara serpenteava, subindo e descendo cômoros, por entre várzeas e carrascais. Passava a galope, saudando com um riso as árvores conhecidas e os comboieiros que tangiam as alimárias, cujos chocalhos tocavam matinas ao sol ardente!

Quanto te quis! Quanto te adorei!”

Extraordinária página de saudade e emoção, tocada da mesma empolgação telúrica que percorre o itinerário de cearensidade de *Terra de Sol*.

Veraz. E humana.

4

O Menino Danado e o Mundo de Maresia e Salsugem

O Coro:

– Não me matem marinheiros,
Gente do meu natural!
Antes quero que me comam
Peixes, toninhas do mar!”

AUTO DOS FANDANGOS

Em Fortaleza o mar está se fazendo ouvir, respira e inebria ao alcance do homem, soprando brisa cariciosa que refresca; e tocando vento, vento fêmea como o qualificaria Gustavo Barroso, já consagrado, em memorável conferência proferida no Palace Hotel para rotarianos. Isso mesmo, sopro masculino de nítida envolvência feminina, ainda que se movimentando morno, do meio-dia até as duas da tarde, ou com impulsividade ao cair da tarde...

O mar, para Gustavo Barroso, não deixa de ser uma de suas opções de fuga, de deserção; o caminho mais longo e aparentemente final dos que, acossados pelas grandes estiagens, chegam a pancada do mar no litoral, dispostos a emigrar.

Volta e meia, no decorrer dos três volumes que reúnem suas memórias, revela-se um homem apaixonado pelo mar, a ponto de, em certa crônica de rememoração, deplorar já passadas quatro décadas que não assiste a uma pescaria de barra de rio...

“Há quarenta anos somente na minha memória, na minha saudade, digo melhor, no banho de luz melancólico do luar do passado, se acendem e apagam e acendem as longas faíscas prateadas das tainhas saltando a grande

rede e caindo nas zangareias,*) ou passa esquipando pela praia clara, entre as velas inclinadas das jangadas, que secam ao sol, o cavalo ruço e marchador do dizimeiro do Cocó, salvo das ondas numa noite de chuva e escuridão por três jangadeiros do Iguape, o único cavalo-marinho que jamais houve no mundo...”

Ressurge na memória – guardada, como ele deseja, por toda a vida – a lembrança da costa, a que vai do “antigo Porto das Jangadas, hoje Praia de Iracema” ao farol do Mucuripe, “passando pelo Meireles e pela volta da Jurema. A paisagem típica, dunas alvas, mar muito verde e céu muito azul...”

O “menino danado”, como se julgou e também o consideraram os outros, curioso em aprender, não teve por mestres apenas os do Colégio Partenon ou Liceu do Ceará. O Professor Lino da Encarnação, do Partenon, assim como o Dr. Armando Monteiro, que ensinava português, ou o regente de geografia, Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos, do Liceu do Ceará, perdem longe para João Damásio, humilde pescador e conhecedor das artes do mar, e que repassou ao filho de Ana Guilhermina Dodt Barroso todos os segredos e astúcias para “conhecer os peixes pela pinta, pelas barbatanas, pelos rabos, pelas cabeças e pelas guelras; cioba, pargos, gulosas, carapitangas, xaréus, albacórias, mariquitas, biquaras e xancaronas.”

O “menino danado” penetra e move o mundo que se lhe vai revelando impregnado de maresia e salsugem. Assim, descobre como se chamam os componentes do corcel do mar, a jangada; o nome dos peixes, como o pescador deve proceder na “pesca de anzol, de tarrafa, de rede, de landuá, de jereré e de curral”, indo a todos os desvãos de

(*) G. B. escreve sempre zangarela ou zangarêa. É zangarelha, outra modalidade de rede de pesca.

água, quer salgada ou doce, “na costa, nos lagamares, nos maceiós, no alto mar, na *parede do fundo* e nos *trinta e três*.”

A praia não lhe guarda segredo. “Entre a ponta do Arpoador e a ponta do Mucuripe” – esclarece –, “a costa é para mim como as palmas de minhas mãos; dou-me com todos os pescadores, jangadeiros e catraieiros, sei de cor os nomes de todos os escaleres, baleeiras e jangadas, em serviço, como os de todos que deram baixa e se alinham, apodrecendo, encostadas ao velho galpão das bóias da Capitania dos Portos.”

Indo vez por outra a bordo dos barcos fundeados, grimda “pelo aranzol das enxárcias”, a cumprir, momentaneamente, o seu sonho privilegiado dos dez anos de ser marinheiro, andar “empoleirado nos vaus do joanete”, a abranger com a vista sequiosa “a orla branca do litoral, encurvada como um alfanje, toda emoldurada de coqueiros, a cidade correndo na crista dos outeiros, desde as torres da Igreja da Conceição da Prainha até a longa fachada alvacenta das oficinas da Estrada de Ferro, dos cajueirais da Aldeota às barrancas do Morro do Moinho...”

Na verdade – o próprio escritor aqui esceria em confessar depois – tinha “obsessão em seguir carreira da Marinha.” E dá, mais de uma vez, como neste passo, o sintoma de sua preferência:

“Em viagem da Finlândia para a Colônia do Cabo, arribou a Fortaleza, com avarias devidas a um começo de incêndio, uma grande galera do porto de Viborg. Pela primeira vez a bandeira da Rússia tremulava sobre as águas cearenses. Meu amigo Mister Myles, encarregado de tapar os rombos do navio, levava-me a bordo, aos domingos. Subia pelos enfrechates, escanchava-me nos vaus do joanete grande e, balançando pela vaga do largo, demorava

os olhos na toalha do mar batida pelo sol ofuscante, todo entregue ao meu sonho aventureiro. E pensava uma história que havia lido de Ruyoter, menino metido nos barcos do porto de Flessing.

Pensei em fugir de casa e meter-me a bordo como grumete...”

Mas nunca o fez. O seu grande mar de aventura acabaria sendo o sertão. Por ele iria navegar como ninguém. Em *Terra de Sol*, com que angústia sente-se o autor deixar para trás, sem rememorar com profundidade, a pancada do mar. “Quem das brancas praias do Ceará” – é como abre sua obra-prima – “demanda o interior das terras, nota que todo o terreno sobe, muito sensivelmente, da orilha do Atlântico para o sertão. E quando se avistar uma argila vermelha ao invés da alva areia dos tabuleiros que margeiam a costa e o olhar não mais vir o cajueiro e o cauaçu, nem as crespas moitas viçosas de murici, gujiru, guabiraba e murta oferecerem seus frutos ao descaso dos transeuntes; quando o pau-branco se esgalhar entre cerrados de rompe-gibão, troncos altos de catandubas elegantes, e ao olhar se estenderem vastas caatingas de juremas raquíticas, ensombrando touceiras de coroa-de-frade; quando cortarem o terreno largas lajes de granito e xistos argilosos, quartzitados se esbarrondarem nas ribanceiras, por entre lascas de calcário endurecido, lenta e silenciosamente se transformando em mármore – aí começa o sertão.”

Os que amam verdadeiramente não podem ser infiéis.

Três anos depois o sertanejo volta a ser jangadeiro. É outra vez homem do mar, ainda que circunstancialmente publicando *Praias e Várzeas*, seu segundo livro.

E com os sentimentos de nauta, que o redime, abre o volume com o conto *Velas Brancas*, cuja primeira página –

e se dizer, nele todo – estão as gentes e emoções dos que vivem à beira mar:

“Entrava já no seu septuagésimo quarto ano de vida o Matias Jurema, velho pescador do Meireles. Já não ia mais ao mar na jangada aventureira, para as pescarias abundantes de agosto, nem de dia com o sol sempre a brilhar num céu varrido e lustroso como esmalte, nem de noite com a prata líquida do luar a derramar-se sobre o extenso mistério das águas. Não é que a idade lhe tolhesse as juntas com dores reumáticas ou lhe fraquejasse o pulso cansado das manobras antigas. Outros, mais idosos que ele, ainda sustentavam filhos e netos com o que lhes dava a caçoeira e o anzol. Mas, por mal dos pecados, uma catarata cobria-lhe os olhos com um véu glauco, por trás do qual as argutas pupilas de pescador se esforçavam por distinguir o desmaio azul do céu no recuo do horizonte, com velas brancas saudosamente fugindo...”

É decisivo o ano de 1907, porque vai consolidar os conhecimentos do sertão em Gustavo Barroso. Já aí, por esses dias, não se vê apenas o jovem entretido com os atrativos da natureza, a puro usufruimento de emoções pessoais. Latente nele a preocupação pela busca, procura a identificação de todos os elementos – principalmente humanos – que formam a existência dos sertões; histórias, tipos populares, caracteres de hospitalidade e luta; poesia, afirmação de coragem, espírito alegre e a inesperada resignação diante dos infortúnios.

Por esses dias, repetimos, o escritor por desabrochar-se, observa, ouve, comenta e anota. E, sem perceber, organiza-se para grandes passadas que promete por diante, já agora compenetrado inclusive em se fazer na vida, lutando para sobreviver. A tanto dá aulas à noite na Capital a estudantes dos cursos primário e secundário, e complementa os poucos ganhos a retocar retratos executados pela Fotografia Bandiére, que o emprega para esse mister em seu ateliê à Praça do Ferreira.

Graças a essa ocupação de caráter artístico, aperfeiçoa-se-lhe o sentido pictórico. Principia a desenhar e aquarelar. Por ter aptidões de retratista, com traço sóbrio e seguro, inicia a remessa de caricaturas e também de colaborações escritas para a *Careta* que, de pronto, lhe acolhe alguns contos humorísticos – “O Tônico”, “O Chicote

do Babau”, “Meu Professor”, estes e outros produzidos pelos anos que decorrem de 1907 a 1910.

Tem-se um Gustavo Barroso desempenado, figura humana de 1m79 de estatura, em pleno vigor dos dezenove anos. Já é jornalista, tendo se inaugurado na profissão escrevendo em 1906 um artigo para a *República*. No ano subsequente ao que se nomeia, faz reportagens para *Unitário*, jornal dirigido por João Brígido, considerado por ele próprio seu mestre nessa atividade.

O caricaturista, em 1907, tem condições mais adequadas para o exercício de seu talento. Já possui jornalzinho próprio, *O Garoto*, ora semanal, ora quinzenal, feito de parceria com José Gil Amora, no qual proclama em versos:

“A verdade nua e crua
Eu vou dizer-vos, leitores:
A ninguém peço favores,
Sou garoto, sou da rua,
Embora vá á cafua

E leve pancada grossa;
Mas nesta terra de *engrossa*
Belo torrão de Alencar,
Hei de bem alto bradar:
– Comigo não há quem possa!”

A atrevida e altiva publicação, jocosa e séria ao mesmo tempo, sobreviveu ao longo de quase dois anos. Não selecionava as vítimas, pois espicaçava a todos indistintamente; quanto mais fossem respeitáveis, tanto melhor.

Desse modo, nas edições publicadas, verruma com espírito debicante os vultos de mais destaque da sociedade ao tempo, os Artur Rocha, Areal Souto, Eurico Bandière,

Souza Pinto, Idelfonso Nogueira, Jaime Rossas, Raul Carvalho, Clodoveu Arruda etc.

Como relembra, “a carga de sátira era quase toda despejada contra os produtos farmacêuticos do José Elói:

“Se usares, ficas maldita,
Arrenegada da sina.
Cuidado! que a Epidermina
A pele torna esquisita,
Mil cousas a bicha excita,
Logo a beleza assassina.
Transforma qualquer menina,
Deixa somente a caveira.
É feita só de porqueira
A pomada Epidermina!”

Por essa quadra de trêfego jornalismo que exerce, Gustavo Barroso quer-se aprumado e elegante. Com recursos das aulas que ministra, porfia sempre e sempre por apresentar-se ao rigor da moda e de suas posses, vestindo caxemira cinzenta, o colete vermelho, este substituído por outro cortado por figurino atual, mas verde, da cor de pano de bilhar.

Indo a Baturité, cidade serrana que o atrai pelo clima e amizades ali nutridas, irrita a rapaziada do lugar que lhe confundiu a vaidade, ou a prática elegante, por exibição despropositada, ofensiva ao decoro da sociedade local.

Apesar da acolhida, desfrutada por importantes famílias, o escritor já projetado nacionalmente com as publicações do *Malho* e do *Tico-Tico* (um dos números deste publicara na primeira página o conto infantil “O Anel Mágico”) não se livra do protesto dos rapazes, dispostos a desancá-lo por boletim logo espalhado por toda a Baturité, concebido nestes termos:

“Ao povo de Baturité!

Anda nesta cidade desde ontem um *songamonga* muito magro e muito feio, vindo da capital e que procura fazer espírito ridicularizando o Baturité. Desde a hora em que chegou, esse tipo anda procurando moças bonitas e casas ricas onde possa dançar e passar bem. O bicho acha que o Baturité é imundo, os moços são sujos e as senhoras são horríveis. Prevenimos às famílias que se acautelarem contra o Chico Tripa que se diz acadêmico e não passa dum *papandola*. Rapazes, levemos o bicho ao pau-de-sebo hoje, sem falta, a trocar largo! – *A Rapaziada de Baturité.*”

O episódio marcaria de modo amargo os sentimentos do jovem escritor. Relembrando, o que chamou de “boletim da inveja”, escreveu em *O Consulado da China*:

“Até hoje, que estou velho e no ápice da carreira literária, eles (os invejosos) não se conformam e continuam a se preocupar comigo quando nem sei se existem. A *rapaziada* do *Baturité* prossegue em seus chicotes e ataques contra mim de outras maneiras e com outros pseudônimos.

“O boletim comparava-me ao *Papandola*, pobre maluco que errava esfarrapado pela pequena cidade. Piores insultos me têm sido assacados. O meu destino foi sempre irritar certos indivíduos, às vezes até os que forças ocultas, o acaso ou a falta de caráter põem nos cargos acima de mim.

“Uma máxima antiga aconselha os homens a amar seus amigos como se um dia tivessem de odiá-los. É o preceito nascido do pessimismo, filho de cruel experiência. Barthélemy, autor de *Anacharsis*, gostava de substituir esse pensamento por outro mais humano e mais consolador: odiar os amigos como se tivesse de amá-los um dia. A fórmula é mais cristã e eu a prefiro. Não carrego comigo ódios. Os que mais me têm ofendido podem ficar certos de

que os esqueço. Gosto somente de vê-los com raiva, espumando, para divertir-me um bocado. A experiência dos anos devia ter-lhes demonstrado que não podem comigo e que seus esforços para me derrubar são vãos. Suas vitórias, quando as têm uma vez por outra, são tão passageiras que não valem a pena. Volto sempre à tona e cada vez melhor, graças a Deus.”

6
o jornalista no era um só: mas dois

O Secretário:

“É homem de muito boa
De muito boa estatura,
Traz uma lança na mão
E uma espada na cintura!”

AUTO DOS CONGOS

A dura contingência de lutar para viver numa cidade provinciana sem maiores oportunidades para um jornalista, e sem o estímulo de quem viesse a se interessar mais de perto pela sua sorte, cada dia que passa torna-se desafio insustentável para quem, como ele, ambicionava subir na vida, impor idéias, fazer-se autor de histórias e até – é pensamento já alimentado – vê-las publicadas em livro.

Mais tarde comenta o que representavam esses dias próximos ao ano de 1909, coincidentemente o que marcaria o desvinculamento de sua convivência com a província.

“A vida do jornal e a obrigação de trabalhar não me permitiam freqüentar as aulas da Faculdade e me forçavam a fazer exames em segunda época. Não era mais possível continuar com meu pai e padrinho no sítio do Benfica, afastado da linha de bondes e das ruas iluminadas, que me obrigava a atravessar no escuro uma grande extensão de terreno. As ameaças do governo exigiam medidas de prudência e segurança pessoal.”

As coisas, em rigor, começariam a soar um tanto adversas, a despeito de sua valente atuação na imprensa de Fortaleza pelo ano de 1907, quando passou a adotar o pseudônimo de João do Norte. Já aí, e dessa forma, não era um jornalista, mas dois, aquele e Gustavo Barroso cla-

mando contra a prepotência e abusos dos que pretendiam eternizar-se no poder político do Ceará.

Batia, malhava com palavras, mas recebia o troco. Esbordoava, mas, na contradita, o maltratavam também de modo impiedoso, considerado então um “anarquista rubro, a rivalizar com Ravachol e tantos outros, cujos nomes passaram à história envoltos numa auréola de sangue.”

Esta nota, publicada por um jornal desses dias, a que nos referimos, dizia mais:

“Tivessem lhe arranjado um emprego a que aspirava, pondo o estômago acima do entendimento, e o nosso herói, longe de se rebelar, numa atitude quixotesca, contra a organização social vigente, seria o primeiro a defender sua excelência.”

Quem se pronunciava assim era *A República*, cada vez mais cáustica, atacando o jovem e afoito jornalista:

“Ora, já viram isto!... Gustavo Barroso, de birra, de burro, de borra, fazer um interregno de oito dias para exibir-se ontem com aquelas asnidades, com xaropadas tão repugnantes a estômagos delicados!?!... Depois, saem alguns a apregoar nos bondes que o menino, jovem rebento dum tronco ilustre, é senhor de assombroso e fecundo talento, honra e glória duma geração... de papalvos!... Esse *papandola* é uma águia, uma *águia*...”

Mas a despeito dos arreganhos dos opositores, Gustavo Barroso – à conta de seu próprio valor, ou mesmo a estímulo do Presidente do Estado, Benjamim Barroso, seu primo – atingia “os mais altos postos na política cearense aos vinte e poucos anos”, sabendo, como proclamaria depois, que suas esporas de cavaleiro as ganhara na destemerosa luta contra o aciolismo, sem tergiversar.

Esqueciam os detratores, escreve depois nas memórias, “que João Brígido, sem ser meu parente, já me incluía espontaneamente na sua chapa de deputados estaduais.”

Na verdade, o clima de animosidade entre os bandos políticos, mantido em efervescência constante pelos que se entrincheiravam nos jornais, de um lado o situacionismo defendido pela *A República*, e, de outro, cultuando a insatisfação à administração Acióli, os debicadores e acusadores do *Jornal do Ceará*.

Por conta destes versos, o governo armaria contundente desforra:

“Hei de açoitar-te a cara branca,
como se açoita a anca
Dum mau cavalo, para pô-lo a trote!”

Conta Gustavo Barroso o desfecho desse ataque a Acióli: “O resultado foi terrível. Ao entardecer de 21 de dezembro de 1908, dois ou três soldados de polícia à paisana deram violenta surra no poeta (Américo Facó) nas imediações da Praça Marquês do Herval. Salvou-lhe a vida a intervenção do Capitão do Exército Castelo Branco, morador na casa da esquina, atraído pelos seus gritos.”

A 12 de julho, do ano seguinte, outra selvagem agressão ocorreria. A polícia deixa por morto, no Outeiro, Antônio Clementino, gerente do *Jornal do Ceará*.

Todos os meios, a esse tempo, serviam à luta sem entranhas e mesquinha dos que faziam política no Ceará.

Explica Gustavo Barroso: quanto a ele, que felizmente não chegou a ser surrado por expiação dos artigos que escrevia, a situação descarregava os ódios por escrito e por todos os meios possíveis, até mesmo através da defeituosa propositada de editais oficiais, como nos mandado publicar de “chamadas para exames na Faculdade ou de seus resultados”, quando nunca saía seu “nome certo: em lugar de Gustavo Dodt Barroso, vinha Gustava Dodó Burroso ou Gustava Doido Burroso”...

7

O migrante desarvorado mas disposto a pelear

O Príncipe e o Coro:

“Vou morrer ou vencer,
Vou morrer ou vou vencer,
Ou as bandeiras tomar!”

AUTO DOS CONGOS

O jornalista em 1910 está insatisfeito. No limiar de ano que vai ser decisivo para sua existência, acaba de deixar a redação do *Jornal do Ceará* onde se empregara com inteligência e entusiasmo. Episódio por ele mesmo lembrado anos depois e que o deixou vivamente ferido em seus brios. E se dizer que o móvel do incidente foi artigo de fundo do jornal, de sua autoria – “A Derrocada” –, contemplado com as restrições do novo diretor, Manuel Sátiro, que substituíra a Agapito dos Santos.

Houve diálogo de pouco tato, e rápido, começado com a decisão que soaria inusitada ao redator:

- Não, o editorial não pode sair assim. Temos de elogiar a candidatura do Marechal Hermes da Fonseca.
- Não vejo razão.
- Mas deve sair como estou dizendo...
- Não feito por mim.

Gustavo Barroso não se conformou. Gostava de externar o pensamento que lhe parecia correto. O modo áspero de lhe falar o diretor, a que não estava acostumado, apressou a decisão de deixar o jornal. Nem percebe que, com essa atitude, praticamente começa a se despedir do Ceará.

De verdade, já a 15 de abril tem por irreversível sua ida para o Rio de Janeiro. Aconteceu a viagem, arranjada

de modo aparentemente rápido, sem explicação. Mas fato é que, naquele dia, o jornalista decepcionado vai às lágrimas ao dizer adeus à avó e tias que ficam no sobradão de portas e janelas azuis, que aprendeu a amar. Vai seguindo em frente, sem ao menos olhar para trás, em direção à praia, na companhia do pai. “Soprava o vento da tarde” – conta – “agitando devagarinho os ramos das velhas castanholeiras da rampa do quartel.” Atrás de nós, caminhava o carregador Décio, que eu conhecia desde pequeno, com minha mala na cabeça. Na Ponte Metálica, esperava-me a rapaziada dos vários consulados para o último abraço. Meu pai abençoou-me e beijou-me, emocionado. Saltei lepidamente no escaler do velho “Vicente Fonseca”

Tudo se passa tão rápido que, mais adiante, logo está embarcado no “Olinda”, sentado a um banco no convés, os olhos postos, melancólicos, na sua paisagem amiga da qual ia desertando, vendo saudoso “o panorama da cidade, das matas escuras do Cocó às barreiras avermelhadas do Morro do Moinho, coroadas pelas agitadas casuarinas do cemitério.” E a ver, com que sentimentos nalma, as torres das igrejas, as praias, o Mucuripe, o Arpoador. E a perceber então – enquanto a embarcação (O navio verdadeiro com que sempre sonhou) – que as coisas que fizeram parte de sua vida começam a passar... a passar...

Mas passariam mesmo?

Sentia o viajante, o desertor, que se iam os tempos malévolos das tricas políticas, quando João Brígido era o Barão das Duas Mortes, o Apulcro Negro... E a gentalha divertia-se com o sentido dúbio de novo verbo, o *agapitar*. A traduzir o ato de alguém amolegar sensualmente a namorada. Tudo porque, dizia-se então, Agapito dos Santos era useiro e vezeiro em “bolinar as moças com o pé por debaixo das mesas.”

“O dedo do Agapito,
O dedo grande do pé,
É rijo como o granito
Quebra coco e catolé.”

Tudo agora escurecia, esfunado, ficando longe da memória. Não mais palatáveis os dias de chuva, a primeira refeição sertaneja com “leite fresco no curral”, “café com cuscuz”, ou, adiante, à hora do almoço, ou pelo jantar, o alguidar de pirão de bode cozido; e o sertão, sertões; a cantiga da onça do Cruxatu; a irreverência da mocidade, o carnaval, “o velho clube carnavalesco da Lapiação”; a intimidade campestre, abismal, do Saco, da Tucunduba, do Rodeador; e o conhecimento, que principia a se distanciar, do “junco luzidio, o mimoso sorridente, o panasco verde-claro e o quebra-panela florindo”, botânica sem latim, feita de identidade íntima, capins e leguminosas, a maioria inominada, mas todos naturais e espontâneos na deliciosa paisagem sertaneja...

Para trás, esbatidos no tempo, mas não de todo apagados na lembrança e no coração, os “banhos de mar com mergulhos sob as vagas verdes e descabeladas no Pocinho da Praia”; as excursões pelos frondeados apetecentes dos cajueiros, então abundantes e viçosos na Aldeota; a visão gostosa da pasta verde cobrindo os açudes em desafio a sua desarrumação por saltos e cambapés; a radiosa impressão de festas juninas com “fogueiras, fogos, canjicas, aluás”; e dos luarejos de agosto, já antevistos os meses do B-R-BRÓ, quando pelos dias de novembro não tardam a se aprontar as Pastorinhas, Congos, Fandangos e Bumba-meu-boi; e vindo para diante do pensamento, em relembração inapagável, a primeira bebedeira com cerveja por ocasião do casamento da prima Isa, inesperado porre;

e a vontade – ainda mais inesperada – de pronunciar discurso de cumprimento aos recém-casados...

Tudo isso, que não é pouco, parece tão perto, ao alcance das emoções, mas de modo irretorquível resvala, vai esmorecendo, sumindo.

Não mais o perfume, o “cheiro da terra molhada”, de terra e gente; a convivência com os amigos dos tempos do Liceu, César Caís de Oliveira, José Albano, Hildebrando Acióli, o Bibio; José Carlos de Matos Peixoto, Luiz Severiano Ribeiro, o Ribeirinho... Não mais, e talvez para nunca mais, as “touradas, passeios a cavalo e o mar.” Não aquele mar, que vai sendo percorrido pelo navio, mas o que se aconchega, femeiro, ao Poço da Draga, Ponte Metálica, ou o que o tenta empurrar mais para trás... para as águas que descem do interior da terra generosa do Ceará, na barra do Cocó...

Mais tarde, na vaguidão oceânica, acordado pelas estocadas da saudade bandida, o viajante abre a vigia do camarote: “Ao longe, uma luz avermelhada pisca-pisca ritmicamente dentro da noite.”

Só então – continua a narrar o migrante desarvorado – compreende e sente o passo que acaba de dar. “Deixava para trás e para sempre, minha infância, minha adolescência, minha primeira mocidade, minha terra, minha família, meus amigos, meus pobres objetos pessoais, tudo com que vivera e me habituara, as paisagens guardadas em meus olhos, a gente com quem me irmanara na mesma tradição e na nos mesmos sentimentos, tudo que amara. Ia enfrentar o desconhecido, as lutas em terras estranhas, as influências de outros meios, contando unicamente comigo. Que seria de mim?”

Deitei-me de bruços no sofá e comecei a chorar, abafando os soluços para não acordar os outros.”

Este homem que se desgarrava de sua terra não é viajante comum; é naufrago. Estão nele os rudimentos do

drama que envolve os passageiros do iate “São Rafael”, mais por diante contado com bastante emoção em “Praias e Várzeas”. São momentos de expectativa em que a indômita vontade do homem, de enfrentar e vencer, sente a resistência do imponderável.

Está na narrativa: “Quando vinha uma das lufadas imprevistas, o iate inclinava-se, metia a borda n’água, entre cachões de espuma da vaga ferida, que iam morrer, pulverizando-se, nas tábuas lisas do convés; o traquete rangia, a bujarrona inchava num grande seio branco, todo o aparelho dava um gemido surdo e longo de cordame retesado; e o barco veleiro voava sobre o mar...

“A inconstância do vento modificava de instante em instante a rota do iate. Em cada bordejo a alma dos tripulantes se enchia de esperança ou esmorecia em desespero. Era, às vezes, com o vento de feição, a terra que se aproximava mais e mais, os vultos dos coqueirais já se delineando por entre a neblina, na imácua brancura das areias. Depois, vinha uma rajada. O barco virava de bordo novamente e aquele cenário ia-se distanciando, apagando, enquanto o navio ganhava o alto mar...

Assim mesmo na imaginação do jovem passageiro do navio “Olinda”, abatido pela dor da separação brusca do chão amado, território jamais esquecido de sua afeição...

Mas de dentro dele ergue-se o marinheiro esperto, homem de mil artes. E tal qual o iate “São Rafael” o “Olinda” já não pode “alcançar a terra.” Vai-se distanciando, correndo para longe, afastado então da “costa entrevista numa fagueira esperança, corrido pela rajada. O mar picava-se. Vinham borbulhas soluçar na superfície. Ia-se fazendo escuro. Não se avistava uma jangada, um farol, uma rocha.

A COSTA APAGARA-SE DE TODO.”

E o Ceará também, mas só naquele instante.

8

Nascimento e Glória de um Livro

Trova de solta de desafio:

“Quem quiser cantar
[comigo
Sente na ponta do
[banco,
Que conheço o gado
[bravo
De noite só pelo
[arranco!”

Dias e meses difíceis enfrentados por Gustavo Barroso no Rio de Janeiro, aonde foi ter cheio de sonhos, disposto a lutar, lutar, lutar, e vencer. De algibeiras vazias, espichadas, e sem emprego, acudia-lhe muitas vezes a vontade de retornar ao Ceará, mas se dizia a si mesmo: “cadê coragem de enfrentar a família e os amigos, depois de haver fracassado?”

Conta Herman Lima, que retratou o escritor em seu livro *Poeira do Tempo*, com declarada afeição: “Por esse tempo começou a freqüentar a casa de Coelho Neto, onde comia o jantar em mesa hospitaleira e ao mesmo tempo fazia amizade com os figurões da vida literária. Em longas e gostosas conversas, evocava a família, casos de vaqueiros, de secas e invernos e, especialmente, falava de sua grande saudade do Ceará.”

Coelho Neto, a avaliar-lhe o talento, o poder descritivo, envolvente. que o nortista do Ceará possuía, insistia:

– Disponha-se a passar tudo isso para um livro. O seu caminho está aí.

– Será que agrada?

– Certamente. E você, acredito, saberá dizer como ninguém o que é o Ceará e o seu bravo povo. Você ama a sua terra. Você morre de amores por ela.

- Fico em dúvida.
- Ora, não tenha receio. Comece logo a trabalhar...



Em 1912 o livro - *Terra de Sol* - irrompia como um rojão ou fogo de artifício, a tomar de surpresa o público leitor brasileiro, a entusiasmar os mais categorizados escritores do País.

Logo soou a todos, por vitoriosa, a obra inicial de Gustavo Barroso. Sílvio Romero não demorou em dizer que o livro o interessava “como obra de arte e como documento étnico social de vasta região do meu amado Norte”. Rui Barbosa, a aplaudi-lo, considerou estarem nele “o sol e as terras do Norte” (...) “onde o talento da pintura literária tem rasgos de colorido e vida que muito honram o jovem escritor.”

Terra de Sol deu-se ao autor como seu passaporte para o mundo das letras, sua consagração chegada assim, de modo inesperado, pelos vinte e quatro anos de vida, e obra que haveria de patrocinar-lhe o ingresso, anos depois, para a Academia Brasileira de Letras, da qual seria presidente posteriormente.

O crítico Braga Montenegro, passados cinqüenta anos do aparecimento do extraordinário livro de Gustavo Barroso, dar-nos-ia em prefácio à sua edição de número seis o testemunho da surpreendente longevidade da obra:

“De qualquer modo, o que admira, o que espanta mesmo em *Terra de Sol* é a sua atualidade ecológica, é o que traduz em verdade o caráter do ambiente e dos costumes sertanejos - talvez não, e em sentido geral, nordestinos, porém especificamente cearenses. O assunto, por sua natureza, muitas vezes nos parece por demais singelo e

sem propriedade científica ou interesse de sistema. Contudo, se colocado em adequada moldura histórica, logo o apanhamos em sua perfeita identidade de ambiente e de vida e, conseqüentemente, susceptível de recolhido e analisado. E em Gustavo Barroso essa observação e essa análise adquirem significação nova, por muitos aspectos – uma descoberta do evidente, daquilo que todos viam mas não percebiam nem sentiam na sua verdade essencial. Será, portanto, uma comovedora surpresa para o observador desatento a de constatar que coisas tão simples como aquelas que existiam em sua volta se poderiam constituir assunto de livro, se poderiam transformar em poesia e ciência. Um livro esse cujo tema é a história, o ambiente e a vida que tinha bem ao alcance de seus olhos e de seu entendimento – a terra, o homem e os animais; o sol, as noites, os ventos, as águas, as secas, os descampados, as serranias, as caatingas, os roçados, os pastos, as casas, os cercados, os caminhos, as grotas, as penedias, os riachos; o sertanejo estabelecido, desdobrado em fazendeiro, em vaqueiro, em comboieiro, em tangerino, em roceiro; o sertanejo nômade, revestido de fama e de legenda, o cantador, o cangaceiro, o curandeiro; o boi, o cavalo, o cachorro, os bichos silvestres, as avoantes – as criaturas todas de sua intimidade, fácil lhe será, por aquela obra, não só identificá-las mas ainda reconhecê-las nos seus fiéis retratos. Retratos que as mais das vezes são apenas esboços, breves traços na tela árida do sertão nordestino, mas que permanecem, pela firmeza das tintas que os gravaram, indeléveis na sua legitimidade e na sua natureza essencial.”

O sucesso, desse modo acontecido, aliado a circunstância de ser nomeado para as elevadas funções de Secretário do Interior, na administração General Benjamim Barroso, torna-o de volta ao Ceará. É o regresso

de um glorificado, de um talento reverenciado por todos. É jornalista nacional, redator do *Jornal do Comércio*, da revista *Fon-Fon*. Pisa Fortaleza, o chão sensível aos seus sentimentos, com o vigor de sua mocidade vitoriosa, desse modo analisada por Herman Lima:

“Alto, espadaúdo, o peito aberto numa altenaria de gladiador, era aquele mesmo rapaz esbelto rapaz da caricatura de J. Carlos, aquela mesma beleza varonil da cabeça de traços enérgicos, contrastando estranhamente com o olhar velado, de uma singular melancolia sonhadora...”

Austregésilo de Ataíde, com maestria de observador arguto, rememora:

“Montava um cavalo alazão e entre os olhares atônitos dos rapazes que humildemente se preparavam para o sacerdócio, passaste como uma visão romântica de inesquecível beleza.”

“Terias vinte e cinco anos e já eras o famoso autor de *Terra de Sol*. “João do Norte”! - exclamou um dos seminaristas e foi como se um frêmito de admiração e de glória apanhasse aquela comunidade de monges que viviam na distância das coisas do mundo, mas também sonham com o triunfo literário de que, aos seus olhos, eras o símbolo palpitante!”

9

O marinheiro vira vaqueiro e conta o sertão com muita sabença...

O Coro:

*"Sentinela, brada às armas,
Que lá vem nosso Doutor,
Com seu chapéu na cabeça,
Quebrando de paletó!"*

AUTO DO BUMBA-MEU-BOI

Numa linguagem cadenciada, bonita, própria e objetiva, transcorre *Terra de Sol*. Em nenhum momento o autor está tora do quadro, ou quadros que descreve, pois é ele um entranhado personagem dá paisagem que se alterna ciclicamente em dias de fartas águas e de terríveis e ásperas estiagens.

“Morrem docemente os últimos dias de junho” – narra Gustavo Barroso. – “Nunca mais chove. A concha do céu é dum azul inclemente que ofusca, profundo e impenetrável como a imensidade, sem uma nódoa branquicenta de cirros, muito limpo, muito nu, muito alto. O sol, rutilante, só, sem uma nuvem, flameja joeirando centelhas nas micas dos pedregais. Dias e dias não sopra a mais pequena aragem: não braoeja um galho, e pesa um silêncio de túmulo por sobre a vastidão das coisas.”

Pela primeira vez, um escritor descobre a grande tristeza do sertão, revelado “na cor, no silêncio, no aspecto”, tristeza que em tudo “se infiltra e impregna”. segue-se a descrição do impacto da desolação “nas várzeas extensas que perlongam os rios, onde as carnaubeiras guardam a memória do seu sofrimento nas grandes secas passadas em cada cintura do caule atrofiado à falta de seiva, o carnaubal, abandonado dos frutos e dos pássaros, sus-

surra dolorido, saudoso; entristece, murcha, acinzentada-se, como se o sol e o vento o empoeirasse. E a folhagem dos arvoredos' vai amarelecendo aos poucos. As folhas dos marmeleiros agrestes do carrascal para logo pendem, avermelham e caem, juncando dias e dias o solo nu, como descoradas manchas de sangue, até que um dia a brisa da tarde as leva e espalha em turbilhões pelo ar, como grandes asas palpitantes de borboletas mortas."

O leitor como que caminha entre cardos, xiquexiques, facheiros e mandacaru, "filhos da pedra e do areal", no dizer do narrador da terra entristecida e solitária sob o tacho da seca impiedosa.

E vem a luta pela água, - "coisa horrorosa" na qualificação dele. - "Nada mais silencioso e mais formidável! Luta de vida e de morte, luta do homem contra a rocha, das energias dum coração contra as energias da natureza inteira!"

E o homem se rende, mesmo obstinado na luta que empreende; e emigra. Vai pelas "poeirentas e ermas estradas, em demanda ao litoral, a morrer de fome", escavando o chão áspero "à cata de batatas selvagens e de raízes moles. Pila e lava o venenoso fruto da mucunã; come-o e incha "na lenta intoxicação do bárbaro alimento."

Mas um dia, que se esperava não acontecesse mais, chove. E a interpretar o que sucede pelos sertões, esplende Gustavo Barroso a nos revelar agora a ressurreição da terra sob o contacto da estação das águas, o chamado inverno. "Lá vem a água a roncar, sertão abaixo. Na frente, na "cabeça" acachoadada, turbilhonam madeiros, garranchos, arbustos, troncos que se abarream de encontro às pedras do leito, ribanceiras a se diluírem sustidas por entremecimentos de raízes de uma solidez de taipa, estacas pontudas de cercas, longos "paus de bebedouro", cadáveres de animais; tudo entre grossos flocos de espuma

suja, borbulhas barrentas, ondas, cachões, redemoinhos torvelinhando de encontro a balseiros enormes que param instantes, resistindo à correnteza, correndo numa velocidade espantosa, adquirida no descer dos mananciais das serras e aumentada pela grande declividade do terreno, indo rebentar em grossas vagas moles nos troncos das carnaúbas, salpicando-os de espuma.”

E, de repente, o quadro de desolação se transforma. “O bugi cresce velozmente sob as árvores, ao pé das cercas altas; as tiriricas sorriem ao sol, emergindo ainda tenras, à margem dos desfreqüentados caminhos, dentre crespos tufos de beldroega pequena; o milhã, o mimoso, o panasco, o junco, o quebra-panela curvam-se à brisa perfumada da manhã na vastidão das várzeas...”

Não tarda o tempo da abundância e da alegria – é seu dizer. Os currais das fazendas retornam à vida anterior; há bichos bem cuidados, bezerros nascendo, e ferrados.

“Terminado o serviço diurno, após o jantar fornecido pelo dono da casa”, nos dias de adjunto, “todos fazem roda na casa de farinha e matam o tempo a escutar os casos de velho caçador já corcunda, alva barba esfarripada, que gaba sua perda de destreza, lastima ser tolhiço e morrinhento, relembra o que passou’, e conta histórias...”

Estórias, ou mais precisamente anedotas que sublinham a atividade do homem e de seus parceiros, e que não de raro, mesmo sob jocosas apreciações, explicam o seu posicionamento.

Maneiras de dizer engendradas pelo povo, sentenças que fulminam e explicam, e, às vezes, tornam-se irreverentes, como neste julgamento do homem rural, grande observador do que se passa à sua volta: “– Em tempo de calamidade só escapam duas noções de gente: padre *cercedote* e jumento.”

Tudo visto e anotado.

E não falta nessa moldura de vida selvagem e indócil o cangaceiro, – “sagaz, precatado e cauteloso, uma pertinácia a toda a prova, orgulhoso de seus feitos e extremamente traiçoeiro.” Existem “famílias de cangaceiros. A herança do crime perpetua-se de geração em geração; e essa gente vive nas suas fazendas sempre cercada de bandoleiros, aureolada pela fama dos feitos. Tem grande influência na sua zona, intervindo em todas as questões, quer políticas, quer particulares, tudo podendo e ousando tudo.”

Pelo menos assim há quase um século passado, quando matar não era, como referiu Gustavo Barroso, um crime “hediondo”. Crime – di-lo na mesma altura de sua narrativa sobre cangaceiros – é o que se faz “contra a honra.”

Mas o homem desses sertões é o outro, principalmente o que tem os sentimentos marcados pelo próprio *habitat*, aquele que “veste de couro pardo-avermelhado ou de algodões azulados, cinzentos-sujos, raiados de escuro, sempre de cores indecisas, tristes, feias, como a vaga cor do chão que a estiagem calcina.” E que “gosta, nos dias de gala, de uma mancha de cor berrante na roupa usual: um laço de fita encarnada no chapéu, uma ampla gravata cor-de-rosa vivo.”

Triste esse ser, acrescenta, e de modos. Ri pouco. “Parece recolher em si toda a grande tristeza que anda à face da terra infeliz. A voz arrastada, doce e queixosa, tem um canso e um vagar de lamento. Os seus cantos são melopéias nostálgicas, de ritmo vagaroso que demora no ar.”

Adiante, com a mesma força descritiva: “O seu olhar escuro poisa no chão, erra pelo céu buscando sinais de chuva, ou fito, imóvel, vago, distraído da vida, alheado das coisas, perde-se pelo espaço. Nessas ocasiões andam-lhe na alma esperanças sem forma, vontades sem nome, anseios

sem fim: um vago, inexplicável desejo de ver novas terras, prados verdes alongando-se ao sol, altas montanhas fechando os horizontes, grandes rios rolando suas águas, onde a alma não cuide com fome faminta sofreguidão no dia de amanhã, onde a natureza jamais negue os seus dons.”

Tudo que é do sertão e do homem, que nele vive, desfila em *Terra de Sol* Nada falta, porque quem escreveu realisticamente esse livro, sabia como viviam os seus.

Assim, tem-se a informação da religião do cearense; de suas “o rações entremeadas de expressões verdadeiramente fetichistas”; de sua crença – como relata – e de “milagres de indivíduos tidos como santos ou em estado de graça...”

Gente simples e crédula que mora em casas sertanejas humildes, “quer sejam de palha só ou de palha e taipa como a dos pobres, quer sejam de taipa ou telha como a dos abastados; baixas, rebocadas rudemente, rodeadas de alpendres caiadas e nuas. Ao lado, arrima-se-lhes o amplo telheiro da casa de farinha, atravancado de aviamentos; rompem mais adiante as cercas fortes dos currais.”

E mais além, neste tom humano e interessado:

“As casas dos pobres, dos miseráveis agregados são de palha de carnaúba, açoitadas do vento, vergastadas da chuva. Mas quer numas, quer noutras, quer nas pobres ou nas ricas, reina o mesmo asseio e a mesma limpeza; o chão é bem varrido, bem espanado, e, fora, o terreiro cheio de seixos branquicentos fásca ao sol, limpo dos capins.”

O homem triste que mora nesses lares, sabe também divertir-se. Tem os sambas e as “festas de aniversário e casamentos...”

Diz mais Gustavo Barroso: “A música do sertão é lânguida e dolente, quase sem variações, tendo a tristeza das melopéias africanas e a rusticidade dos instrumentos

indígenas. Nos sambas, tocam-se quadrilhas, valsas, polcas e chotes, mas o gemer triste das violas e o arfar fanhoso dos acordeões dão-lhes um som arrastado e nostálgico de batuque negro.”

A poesia “é a mais completa manifestação artística do sertão; aparece sob dois aspectos: o repentista e o tradicional. O repentista consta de desafios, das “louvações”, das glosas e das quadras soltas, líricas, elegíacas e amorosas, improvisadas pelos cantadores ao som das violas, no terreiro das casas. por noites de folgares e sambas.”



Livro consciencioso, vero, inspirado no mundo, o vasto mundo dos sertões cearenses. Assim escrito *Terra de Sol*, tão bem proposto e expressivo que, sem o menor favor, vem se enfileirar entre as dez mais representativas obras da literatura do Ceará em todos os tempos, graças ao seu estilo tecido e retocado em áurea de acentuada poesia e afeição ao que descreve, e sobretudo, animado de considerável amor e emoção.

Aos setenta anos de *Terra de Sol* o *Jornal de Cultura*, da Universidade Federal do Ceará, acolheu a respeito esta nossa louvação:

“O homem, mais do que a paisagem, indiscutivelmente, é quem perdura nesse livro. De tal modo é participe, até mesmo se não interfere nela fisicamente. Quando o autor *de Terra de Sol* tece e retece, com o esplendor de sua inteligência, o confronto da estação comburida do sertão com a que renasce molhada, surpreendentemente bela – melhor talvez fora dizer paradoxalmente bela –, o homem é que se antevê, como nenhum outro de sua grei, nos efeitos de seu ecossistema.

“Esse aspecto dramático, *sui generis*, de personagem que atua ainda que não referido, transcorre no primeiro terço do livro com tamanho poder de aliciamento emocional que o balizamento da paisagem, ao qual aludimos, dimensionado pelo autor (de modo parcimonioso e nem sempre convincente) é irrelevante para a compreensão da Natureza botanicamente explicada e ajustada à real codificação da caatinga.

“O homem pontifica no autor que, árdego, se propõe, como se ele próprio fosse, o apreensor de todas as circunstâncias. Erosado pelas estiagens ou gratificado pelo inverno (quadra das chuvas); álaque, à constatação de rios que tomam água e *descem* rugindo aos borbotões, mas não atemorizando, ao rebrotar de vida o chão adusto, hibérnico. E a tanto, o leitor logo se vocaciona pelos problemas cearenses, e, arrebatado, se toma por eles, de modo inapelável.

“A Natureza da chamada literatura das secas não está definida pelos escritores com a apropriação das criaturas vegetais que a determinam, com adequada qualificação. A respeito (veja-se *Complexo de Anteu*, Eduardo Campos, Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza, 1977) dedicamo-nos a uma preliminar ambiciosa para determinar as coordenadas da fitofisionomia regional. O resultado colhido de um punhado de obras estudadas não encoraja, como não satisfaz aceitar o que nos oferta Gustavo Barroso, antes de tudo um escritor com olhos de olhar e ver tudo verde, ainda quando este é pura reminiscência subjetiva dos dias de abundância do sertão, vigerantes em indivíduos clorofilados, espontâneos, predominantes em pés de serra e várzeas, quais a umarizeira, a ingazeira, o pau branco, o jucá, diversos daqueles que concorrem para abafar, com seus tons de cinza, a vida exaurida da caatinga.

“Essa posição pictorial no autor, tendente ao verde, fá-lo caracterizar o sertão, na extensão territorial da caatinga, com árvores e arbustos que nascem à vizinhança aquífera, como a carnaubeira, a catanduba, o rompe-gibão (calumbi), contra citações avaras a que se permite, de juremas e coroas-de-frade (otadas em minoria), que, com outras espécies botânicas, não inventariadas no livro, conceituam-no realmente.

“Não arriscamos tais considerações a desejo de refutar ou diminuir, por acaso, o valor dessa obra, que, felizmente, não se esvai. É intenção, por oportuno dizer-se, sublinharmos uma atitude repetidamente encontrada nos regionalistas, perseverantemente naturistas do Ceará, de estes se fazerem íntimos de paisagens de poucas árvores. Talvez a definição correta, a designação mais ordenada da botânica, vigente na região, resultasse em descrição árida, conceituosa demais, profissional, pedante.”



“O tempo, com mutações a que tem submetido o Nordeste, notadamente o Ceará, afetou a vigência de muitas observações que nos proporciona o autor. Ainda aqui não nos move a intenção de reduzir a dimensão dos flagrantes antropológicos ou sociológicos narrados, mas alertar o leitor para a força cambiante de hábitos e costumes ao longo de setenta anos (o artigo é de 1982), espaço que medeia a concepção de *Terra de Sol* e a ressonância de seu êxito hoje, atenuado possivelmente por modificações que, independentemente de seu e nosso controle, vulneraram-na.



Terra de Sol é o nosso *Os Sertões*.

“Sem ele não podemos saber como transcorria a tragédia do homem há meio século, movido pela instabilidade climática, – hábitos e costumes que nos homogeneizavam: a maneira peculiar, humana, e efetiva de nos compor com os até então inseparáveis companheiros, o cachorro e o cavalo.

“Assim como sem *Os Sertões* não teríamos a atordoante grandeza da epopéia de Canudos, sem *Terra de Sol* restaríamos reduzidos a mais um relato histórico, ou simplesmente descritivo, de alguém cioso da verdade de ontem, porém desfalecido do contacto indispensável da emoção criadora.

“Gustavo Barroso conduz ao indispensável convívio cearense o que ainda está dentro de todos nós: o supersticioso, o andejo, o obstinado, o intemerato, o religioso – e outras mil formas de ser, que nos ajudam a emigrar, para retornar depois, sem nos dispersar de nossa cercadura ecológica.

“Por tais motivos *Terra de Sol* é obra, de quantas já se escreveram a respeito do Ceará e de sua gente, que melhor define o cearense numa abrangência de simpatia, admiração e, ao mesmo tempo, de indulgência interpretativa.

“Não é apenas um livro que completa 70 anos.

“É monumento erguido, com sentimento e ofício, que consagra o cearense, o nordestino mais sofrido.”

1 0
Os parceiros nas alegrias e no
infortúnio

Coro:

“Vaqueiro de chapéu de couro
Barbicacho de penda-o
Quantas carreiras deu hoje?
Quantos bois botou no chão?”

AUTO DO BUMBA-MEU-BOI

A paisagem e os componentes desta – parceiros do infortúnio: cão, cavalo e gados graúdos e miúdos – decerto foram sempre lembrados por quantos se debruçaram sobre a vida agrária do interior do Ceará, mas nunca com a propriedade de linguagem e estima que presidiram às observações exercitadas por Gustavo Barroso ao longo de *Terra de Sol*.

Nunca será demasiado redizer: o Ceará transcorre Intimo, às vezes áspero mas ainda assim tocado de humanidade, no decorrer das páginas do livro que praticamente ensinou o Brasil a conhecê-lo. Pela primeira vez, com o toque da emoção, tem-se descrito os desconfrontos do tempo, a hora triste e desventurosa das grandes estiagens, quando o sol, guloso e ávido, suga todo o viço porventura existente sobre a terra, secando rios, lagoas, poços e açudes... Mas também o de momento exponencial, quando a determinado instante, percebido pelo homem e bichos, a natureza toma novamente suas cores alegres, os verdes de escala cromática inenarrável, quando se dá, como escrevi antes, “a contagem dos dias do verdadeiro calendário do Ceará, a encharcados e verdes, e nem sempre divorciado do sol, por essas horas de brando fulgor compassivo.

“Antes de o homem chegar ao campo, à terra, a mão dadivosa de Deus ara e semeia... Ninguém saberá explicar como e porque acontece. Mas a árvore que definhou, até estiolar-se, toma-se de seiva outra vez, e fâla escorrer, esverdeada, por todos os seus ramos antes perecentes, onde agora as aves longamente ausentes também retornam para construir seus ninhos com a pouca matéria inerte que ainda é possível encontrar.”

Tempo farto o do inverno!

Hora de apartação dos gados misturados., conta Gustavo Barroso. “Há todo um *argot* na vaquejada. “Fazer piauí” é dar um certo jeito no rabo já seguro da mão a fim de derrubar a rês – dar-lhe o “quedaço” ou “tombo”, o que se consegue com um forte puxão – a mucica, fazendo-lhe perder o equilíbrio das patas traseiras.”

Sucedem-se os “vaqueiros terríveis que jamais deixam de enrolar a rês arrancada. Os outros resmungam: “Aquele danado bota sempre no saco!” E eles orgulhosos, cheios de roço, com bravatas no olhar e no gesto, rosnam que “nunca pegaram na saia que não vissem o tombo!”

E componente deste quadro o “cavalo sertanejo”, bem posto na palavra de Gustavo Barroso: “esguio, sóbrio, pequeno, rabo compridíssimo, crinas grandes, capaz de resistir a todas as privações, a todos os serviços e a todos os esforços. É o melhor auxiliar do vaqueiro e ele o estima e trata com o maior carinho.

“Quer seja noite, quer seja dia, no piso das reses que arrancam ou espirram mato adentro, vara os carrascais cheios de espinhos, as croas entretecidas de cipós fortes, as catingas cerradas, desce o descambar das serrotas, rompendo os carcavões de unha-de-gato, escorregando nos seixos lisos, sem hesitações, sem temor e sem cansaço. Não tem ferraduras: o casco acostumou-se ao pedregal e

ao espinho, enrilou; a unha é perpendicular, pequena, dura como ferro. A hereditariedade transmite esse caráter de adaptação. Raramente fica estropiado.”

Precisa contar mais?

E atento a tudo, ao homem que corre, ao homem que vai chegar mais tarde ao casebre humilde, o cão, “cachorro bom de gado”, “bom de caça”, ou ainda “bom de raposa.”

É personagem de tratamento inusitado, nem sempre atendido como criatura útil. “O seu olhar glauco” – expõe o autor de *Terra de Sol* –, “melancólico e doce segue ansiosamente todos os gestos de uma pessoa: estão sempre (os cães) sob o temor de uma pancada, de mau trato. As suas pituitaras finíssimas sentem o guaxinim ao longe; os seus ouvidos atilados percebem o estalar distante de um graveto sob a pata forte do gado, no sombrio recesso das catingas. São caçadores e pegadores de gado. Ninguém nunca os educou; jamais os ensinaram; fizeram-se por si na selvaticidade dos matagais espessos, no descampado das várzeas solitárias e tristes.”

Mas o gado, representado pela rês de descendência além-mar, tem papel saliente nas relações do homem com o seu ecúmeno.

“É paciente, resignado e tem a resistência do cavalo e do cão”, di-lo Gustavo Barroso. “Diariamente, ao tempo da seca, anda léguas para comer e beber; daí a dureza da sua carne. Faz pelo exercício músculos de uma rigidez de aço. Não gosta das pastagens descampadas. Prefere os fechados e as abas de serra, aos prados e às várzeas.”

Dá-se ao homem em feições caracterizantes. Se de uma cor, é liso; “liso-fino” e “liso-amarelo”, conta o escritor “O todo esbranquiçado é liso-alvação”; o branco – “fubá”; o preto – “fusco”; o cheio de manchas – “bargado”, e assim por diante.

Peculiaridades, ocorrências do dia-a-dia, comportamento de pessoas e animais, presença de tipos marcados pela asperidade dos sertões; cangaceiros, valentões vingativos ou simplesmente seres corajosos, desfilam em *Terra de Sol*, adequadamente descritos, olhados e vistos por quem os quis ver em sua realidade surpreendente.

Obra que chega ao seu término nesta mensagem de indisfarçável crença no Brasil: "... quando o Brasil rico e poderoso marchar na vanguarda das nações, ocupando o lugar que lhe compete entre os países mais fortes e mais progressistas, perdida já será a memória deste livro que não é mais do que a narração verídica dos usos, dos costumes, dos sentimentos e das tradições do Ceará e suas zonas limítrofes da *Terra de Sol*, que não é – e nem pretende ser mais do que o depoimento de um nortista..."

1 1

A outra Metade do vaqueiro. O bar

O Gajeiro:

“Meu Capitão, suba, suba.
Neste seu tope real!
Venha ver grande tormenta
Por sobre as ondas do mar!”

AUTO DOS FANDANGOS

Mas o marinheiro de sonho, sempre a um passo de viagens também subjetivas dos idos de começo do século, é quem conta em *Coração de Menino* (primeiro volume de suas lembranças), que, nos domingos, tanto quanto poda, estava sempre “remando de ginga, pescando de landuá, linha e até tarrafa no Poço da Draga.”

Confessou aí: “Tenho a mania de ser marinheiro e só leio com verdadeiro prazer histórias de viagens e de piratas. Mando tomar uma âncora no braço pelo velho Corrêa, mestre do cutter “São Francisco”, onde vou comer, quando ele está surto no poço, caldeirada de cangulo com caju azedo.”

A um canto do sobrado, debaixo do alpendre que dá vistas para a intimidade do fundo quintal, “junto à cozinha dispõe duma caixa de ferramentas díspares”, tudo improvisado em latas, parafusos, botões, “pedaços de chumbo, de cobre, de ferro”, e mais “toras de madeiras”, logo transformadas “em cascos”, em que vai preparando “mastros, mastaréus, retrancas e caranguejas”, e vai cosendo “velas de madapolão e algodãozinho”, e, a esse empenho, fabrica “pequenos bergatins, patachos e escunas”, com os quais vai “brincar nos maceiós do Poço da Draga”, vendendo-os depois “aos outros meninos menos industriais.”

Pois bem, a vocação de mareagem do menino Gustavo Barroso fá-lo-ia um eterno marujo da praia e mar cearenses, personagem cheio de sentimentos, aos quais haveria de contentar, depois da publicação de *Terra de Sol*, com livro todo receptível à orla marítima, à pancada do mar.

Desse modo, o leitor brasileiro conhece em 1915 o seu *Praias e Várzeas*, espécie de reconciliação do “marinheiro” Gustavo Barroso com o mar, depois da grande demonstração de interesse e paixão pelos sertões.

Logo no primeiro conto, enaltecido com calorosas palavras por Herman Lima, “Velas Brancas”, percebe-se presente o escritor na sua exaltação náutica, em momentos de maior expressividade. Há um Gustavo Barroso marinheiro por trás de Matias Jurema, “velho pescador do Meireles”, neste raciocínio: “Somente o mar o atraía e a terra ele desprezava por sua ingratidão. Ah! ela era miserável e covarde. A sua vingança estava na sua impassibilidade. Não tinha cóleras a sua inércia. O mar, não. Esse, quando tinha raiva, encapelava-se furioso e jogava os grandes navios sobre os rochedos e despedaçava as jangadas no abraço de uma onda. A sua cólera pintava-se na sua face, à luz do sol, à luz da lua e ao negror das trevas. Era o combate da inteligência contra a força e contra a ligeireza. A terra, essa estendia-se plana, calada e concentrada. Levava anos para dar um fruto, meses para produzir uma fécula. Tinha-se de esburacá-la com pás e enxadas, para se arrancar alguma coisa. Parece que dava esmolos. O seio largo do mar estava aberto a todo mundo. Era inesgotável.”

Adiante: “Sobre a terra avara e esmoçando as águas do céu, os seus avós tinham vivido curvados a procurar alimento. Dela migraram famintos e esquálidos, numa época terrível de sol e de seca. Vieram procurar a vida e a acharam com facilidade sobre as jangadas, na planície líquida do mar.”

Nos contos de *Praias e Várzeas*, sol e mar, superstições, criaturas vegetais e animais, tudo enfim tem a marca do passado do próprio autor, filhos que são do seu desbragado enternecimento pela paisagem da beira-mar.

Em “Finados”, narra o autor: “O sol irradiava oiro no verde do mar Soprava rijo o terral. Curvavam-se, chiando, ramalhando, os coqueiros frondosos, altos, abrindo no espaço claro o plumacho verde e lindo. Na praia branca, rasa, sobre rudes, mal afeiçoados rolos, as jangadas descansavam, velas abertas, secando ao sol.”

E descreve as casas do Mundaú “entre tufos verdes, junto ao cemitério humilde, onde se erguia a igrejinha sem torres. E em volta da igreja – tantas vezes rememorada em seu livro de saudade – “crespavam-se moitas verdes, revoltas, cerradas, de pinhão bravo, com maribondos a zumbir, enxameando, onde se vinham acoitar, fugindo à ardência do sol, sabiás-cocas, vadias, vindas dos tabuleiros viçosos e das várzeas amenas de além das dunas a brincar pelas praias. E ali, saltitantes de ramo em ramo, inquietas, volúveis, desferiam o canto alegre e doce.”

É parte da sua vida, com grande porção de conteúdo sentimental, que o autor revigora nos contos de *Praias e Várzeas*, sem esquecer, por exemplo, o Pacoti – no conto “O Pescador” –, o rio rosmando, “derramando o seu tributo de águas doces da terra nas salsas águas do oceano”. Assim como “um eflúvio dormente”, que conta, a desprender-se dos “cajueirais floridos e fecundados”, a impelir as criaturas à “canseira, um quê de sutil que impelia à modorra, ao sono e à preguiça.”

Transcorre o conto em atmosfera de mistério e drama. O pescador “entre medroso e arrepiado”, em seu trabalho fora de hora, vai afastando “os ramos dos arbustos à margem alcantilada do Pacoti.” Fecha os olhos desacostu-

mados à claridade, – narra o escritor – “no escuro do tremendal que atravessara. Abriu-os depois e uma serenidade se lhe espalhou nos traços. O rio corria plácido. Além dos mangues, as dunas branqueavam, luzindo como prata repolida. A correnteza faiscava tocada pelo luar. Tainhas cor de prata que a remontavam em cardumes, acossadas de peixes menores, saltavam fora d’água, rebrilhando com a rapidez de fagulhas. Sorriu. Preparou a tarrafa e entrou nágua, cortando-a apressado, com frio.”

Como que o *menino danado* repete-se aí. É o mesmo que se incorpora na figura do pescador afoito, destemeroso. E que via, na infância, a pescaria na barra do Pacoti. “Se a hora da maré cheia obrigava a se esperar a noite para cercar o peixe e se havia luar – rememora em *Coração de Menino* –, então é que eu ficava mais deslumbrado e contente. Lindo espetáculo o do salto de milhares de tainhas à luz branca da lua! Verdadeira chuva de espadas, espadanar de lâminas de prata viva, esgrima de fagulhas argenteadas no espaço.”

Essa imagem perdura, fica para toda a vida. Por isso está no conto, enquanto o pescador se vai afastando das margens, a examinar a “força da maré”, que sobe, e a “da corrente que ainda se esforçava por descer.”

Quarenta anos são passados, di-lo o memorialista. E escreve com fundo sentimento: “Há quarenta anos somente na minha memória, na minha saudade, digo melhor, no banjo de luz melancólico do luar do passado, se acendem e apagam, se apagam e acendem as longas faíscas prateadas das tainhas saltando a grande rede e caindo nas zangarêas, ou passa esquipando pela praia clara, entre as velas inclinadas das janelas, que secam ao sol, o cavalo ruço e marchador do dizimeiro do Cocó, salvo das ondas numa noite de chuva e escuridão por três jangadeiros do Iguape, o único cavalo-marinho que jamais houve no mundo...”

Herman Lima, no livro *Poeira do Tempo*, reproduz parte significativa de entrevista de Gustavo Barroso à revista *Vida Literária*, em 1939:

“Quando já rapazinho, comecei a visitar o sertão, e adorei-o. Vivi no meio dos vaqueiros e dos violeiros, percorri a cavalo as ribeiras queimadas de sol, gozei a fartura dos invernos e senti as dores das secas. Mas, a impressão do sertão não pôde dominar a do mar. Se o meu primeiro livro, *Terra de Sol*, é a saudade da adolescência banhada pelo sol sertanejo, no segundo, *Praias e Várzeas*, o mar intervém e reclama a sua parte, justamente a metade.”

Na verdade, o mar sempre o desejou.

Desde os dias do seu estaleiro de brincadeira, o Glenn & Cia. “Por que Glenn”? – indagaria ele próprio a si mesmo, para esclarecer – “Glenn é o nome da ilhota rochosa, entre cachoeiras, onde se escondem os heróis do “Derradeiro Moicano” de Fenimore Cooper...”

Pois bem, aquela oficina com sabor de mar e ruídos de mar, que não apenas parecia – e na verdade estava mais perto da cidade –, é seu refúgio e campo de adestramento para sonhos e aventuras.

Mas cravando “toros de madeira, transformando-os em cascos” de navios, ou preparando mastros, como descreve com indizível deleite, põe-se nele, sem ao menos perceber – imaginamos outro tipo de marinheiro, o que não se vale de embarcações para cumprir seu destino...

Seu mar, a despeito de todos seus desejos, acabará sendo o estirado e apetecente tapete da terra molhada e reverdecida dos sertões, espertada para o desfrute da estação das águas...

Aí, certamente, jamais Gustavo Barroso esteve pela metade de seu ser.

1 2

O anotador conta antigas intimidades de seu povo

O Cavalo-marinho:

“O senhor dono da casa
Varra bem o seu terreiro,
Para meu boi vir dançar
Com o seu grande vaqueiro!”

AUTO DO BUMBA-MEU-BOI

Terra de Sol já anunciava o folclorista, pesquisador consciente de olhos e mente abertos às nossas tradições, e que não tardaria a se impor em livro clássico no assunto, *Ao Som da Viola*, obra entregue ao público em 1921, e que, para a edição de 1949, o próprio Gustavo Barroso haveria de ressaltar, em nota introdutória, as razões que o tornaram obra de leitura obrigatória para os estudiosos.

“Foi ele (*Ao Som da Viola*) a primeira tentativa de classificação de manifestações folclóricas brasileiras em ciclos temáticos, aliás, baseada em artigos do autor aparecidos no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, edição vespertina, de 1911 a 1912. Este ensino classificativo, apesar de se não achar mais completamente em dia com as teses dominadoras da atualidade, em matéria de folclore, representa um dos esforços feitos para alcançar o ponto a que atualmente se chegou e contém, inegavelmente, uma documentação bastante rica e pouco conhecida sobre a literatura e as tradições populares” do Nordeste, com especialidade dos Estados do Ceará e da Paraíba.

Está dito ainda, com muita propriedade, na apresentação de *Ao Som da Viola*: “Todo o folclore sertanejo mostra a formação perfeita das almas que habitam aquela região de sol ardente. Os cantos que durante longo tempo as de-

leitaram e fizeram palpitar os corações, nascidos de sua própria fantasia, revelam perfeitamente os estados de espírito da raça.”

E segue a explicação do que são folclores, referindo o autor como se assemelham, e que “suas formas, todavia, variam ao infinito de país a país.” E mais: “seu fundo continua o mesmo, desde a Ásia longínqua até as terras americanas. Raros os cantos, lendas ou fábulas que se não encontrem em todos os povos, pois se revestem de velhos totemismos ancestrais, desaparecidos, com o tempo, da memória coletiva.”

Explica o mimetismo de que se reveste o folclore, ressaltando-lhe a apropriação de adulterações que o conformam a esta ou aquela realidade; e nos diz da poesia sertaneja, tendo-a por tradicional e repentista. E sistematiza o seu trabalho, em base científica, no que demonstra conhecimento mais inteligente do estudo de outros importantes pesquisadores de âmbito internacional.

Abre o livro com as informações do chamado Folclore Tradicional, arrolando as do Ciclo dos Bandeirantes (Lenda do Batatão, Gorlala etc.); Ciclo do Natal (Auto do Rei dos Mouros, Auto dos Fandangos etc.); Ciclo dos Vaqueiros (A Onça do Sitiá, A Onça do Cruxutu etc.); Ciclo Heróico ou dos Cangaceiros (História do Valente Vilela, a Canção dos Guabirabas etc); do Ciclo dos Caboclos (A Defesa dos Caboclos, a Certidão dos Caboclos etc), abrangendo a inspiração da poesia mnemônica (Os ABCs do Bode, dos Grosso, da Pobreza, da Seca dos Dois Sete etc), os Pelos Sinais, até culminar com uma contribuição – a que elegeu por antologia – com notícias e reproduções de sátiras, motejos, orações etc.

Segue-se a essa parte uma terceira, a que estuda o Folclore Repentista. Nela o leitor encontra suas duas vertentes principais, a dos Desafios e Trovas de Amor e de Amigo.

Mais por diante, nesse expressivo manual de folclore, onde o Nordeste se apresenta de corpo inteiro com melhor sentimento popular, correm histórias, e fábulas, e lendas, e superstições, em que se vai flagrar notadamente o Ceará com a envolvência mágica das histórias de bichos que falam e de lendas em que avultam os lobisomens e o próprio diabo.

Em *Ao Som da Viola* não está apenas a coleta de versos e histórias; há descrições de festejos populares, tradicionais, mas, tanto quanto possível, e com vera oportunidade, a interpretação às vezes minudente, que reforça o entendimento, como nesta passagem sobre o Bumba-meu-boi:

“Os personagens merecem algumas referências explicativas. Nunca consegui encontrar uma explicação definitiva para a alcunha de Cavalo-Marinho, dada ao chamado Capitão Boca-Mole. Corre no Ceará a lenda, a que me refiro no livro *Coração de Menino*, de ter um cavalo arrastado pelos balseiros de grande cheia do rio Jaguaribe sido salvo já em alto mar por alguns jangadeiros, que o venderam a pessoa de certa categoria. Foi a única coisa que colhi podendo ser aplicada ao caso. Mateus, o escravo negro ou mulato, é engraçado, repentista, pilhérico, lépido, cheio de iniciativas. Sebastião, que, em alguns lugares, toma os nomes de Gregório ou Fidélis, caboclo, é um toleirão que se deixa guiar pelo companheiro e não tem outra vontade senão a dele. Nessas duas figuras transparece a eterna sátira matuta contra os índios e seus descendentes, que, por todos os meios, se furtam ao trabalho e se não submetiam à escravidão. Daí a colocação do negro em plano superior. O Galante e o Arlequim ou Arrelequinho, na deturpação prosódica popular, são personagens sem importância na ação e decerto enxertados em tempos mais modernos. O segundo não passa de remi-

niscências do Arlechino clássico dos velhos autos italianos. As duas Damas são simplesmente as mancebas ou mundanárias locais, teúdas e manteúdas pelos magistrados. Ainda hoje o povo, no Ceará, chama a essas infelizes – *Muié-Dama*.”

E, no descritivo nada escapa à argúcia do pesquisador, haja vista esta observação sobre os costumes antigos que acabaram sendo festejados no hinário popular:

“No interior do Nordeste, até há bem pouco tempo, o povo vestia camisa e ceroulas ou, quando muito, camisa e calça. Quase sempre os matutos traziam a camisa solta por fora das calças ou das ceroulas. Daí o costume de pôr um soldado à entrada de vilas e cidades, para obrigar os roceiros, antes de entrarem nas mesmas, a enfiarem as camisas ou timões, como eram chamadas no século XVIII, por dentro de calças e ceroulas. Chamava-se ao ato de recolher as fraldas – *passar o pano*. Uma velha cantiga de embolada documenta o que aí fica:

“Matuto besta,
Bota a camisa pra dentro,
Bota o olho no sargento
Da Guarda Municipal!”

Gustavo Barroso, culto e lido, sabe definir e dispor do material que lhe chega às mãos ou aos sentimentos. Em tudo a sua observação bem ajustada, como na análise do poemeto *Antônio Silvino* e o *Padre*, “formidável exemplar da ironia matuta”, e sobre a qual ele acrescenta: “Em nenhuma gesta medieval há trecho de *panache* e bravata mais belo do que este. Para encontrar um que se lhe assemelhe, é necessário tomar o do admirável *Crônica do Monge de São Galo*, que descreve os rios da Itália, recu-

ando para dar passagem a Carlos Magno e aos Doze Pares de França”:

“Esses cangaceiros grandes
Que existem pelo sertão,
Em qualquer parte me vendo
Falam de chapéu na mão,
Se precisam me falar,
Dizem antes de chegar:
- Dá licença, Capitão?

Desde que entrou o ano novo,
Não ofendi mais um grilo.
Um padre ralhou comigo
E me massei com aquilo.
Se me fizerem traição,
Das chaleiras do sertão
Cada urubu tem um quilo!

Os grandes morrem na bala
Os pequenos na correia,
Os fracos aleijo a murro,
Os brabos mato de peia,
Ou levo tudo amarrado
E ofício ao delegado:
Deixe morrer na cadeia.

E o mar também diz presente numa canção que surge ao final da Idade Média, e que tem curso “por toda a França”, apregoando sempre o mesmo traço característico, de “indivíduo que altivamente recusa a dádiva do soberano, – princesa ou cidade, porque ama uma mulher do seu país natal.”

Relata Gustavo Barroso: “Não conheço a passagem que, forçosamente teve (a canção) através da Península Ibérica, mas colhi sua variante nos ardentes sertões de Nordeste, onde anda hoje a cantam rude e deselegante, porém cheia de altivez e orgulho semibárbaro:

“Eu entrei de mar adentro
E fiz tanta estrepolia
Que o Rei mandou me chamar
Pra casar com sua fia!
O dote que o Rei me dava:
Europa, França e Bahia,
País de grande valor,
Terra de mil maravia;
Sobrado de dez andares,
Casa de seis moradia;
Muitos carros e liteiras,
Cavalos de estrebaria;
Muita moeda de ouro
Enchendo muita bacia:
A musga do Rei na frente,
Musga de pancadaria!
Eu fui e lhe respondi
Que era pouco e não servia,
Que eu voltava pro sertão
Pra casar com a Maria,
Que era a única pessoa
Que meu coração queria!”

1 3

O lutador vence, mas experimenta as asperezas do mundo

Tropas do Príncipe e do Embaixador:

“Toca! Toca! Avança! Avança!
São horas de combater,
São horas, ninguém descansa,
Vamos vencer ou morrer!”

AUTO DOS CONGOS

Tudo parecia sorrir a Gustavo Barroso – principalmente o êxito pessoal – no período que vai de 1915 a 1922; nesse espaço de tempo, que não é breve, elege-se Dep. Federal pelo Ceará (1915-1918); funda “com Paulo Silveira o *Brás Cubas*”, um semanário de cunho político que se propõe a dar combate a muitos, mas que acaba tendo efêmera existência. Mas, no ano seguinte, Dolor Barreira em sua *História da Literatura Cearense* já o destaca fazendo parte da embaixada do Brasil ao Congresso da Paz, secretariando-a, oportunidade em que ocupava a chefia de tão importante missão Epitácio Pessoa, bastante afeiçoado ao escritor.

Essa viagem tem passagem que haverá de tocar fundo a sensibilidade do autor de *Terra de Sol*. É que se lhe incrustara na alma, à leitura de *O Derradeiro Moicano*, de Fenimore Cooper, o insopitável desejo de “ver o lago Champlam com o seu espelho de águas quietas e frias, a perspectiva dos pinheiros descendo das abas dos morros como um exército de guerreiros selvagens, a translucidez de seu céu matutino, as linheiras fumaças das fogueiras, nos acampamentos de suas ilhas, subindo no espaço, piorgas de hurões encostadas nas praias cor de ouro...

Pois bem. “Em 1919, quando tinha trinta anos, depois da Conferência de Versalhes”, em que tomou parte ao lado

de seu queridíssimo amigo Dr. Epitácio Pessoa – como refere com suas próprias palavras – eleito Presidente da República, “na sua viagem oficial ao Canadá. Era em julho e o verão iluminava com seu sorriso de luz o continente setentrional.”

Regressava do Canadá, vindo por Vermont, em direção a Boston. A certo momento, enquanto tomavam café no carro-restaurant, o “trem desembocou num vale lindíssimo, em cujo fundo brilhava grande lago rodeado de florestas de coníferas escuras. Parecia uma placa de prata polida batida de chapa pelo sol matutino.”

Sem se conter, Gustavo Barroso exclama:

– Que lindo lago!

E o Comandante Boyd, que vai sentado ao seu lado, explica:

– É o lago Champlam.

Confessa Gustavo Barroso: “O sonho da minha infância realizava-se bruscamente, inesperadamente. A minha fisionomia deve se ter demudado, porque o Comandante Boyd me fitou e indagou:

– Que tem, Sr. Barroso? Que lhe lembra este lugar? Está com os olhos cheios de água. Parece que vai chorar.

Contei-lhe resumidamente o meu sonho de criança lá no fundo do meu Ceará, da minha pobreza, da minha obscuridade, da minha impossibilidade infantil. E a realização triunfal, agora, sem esperar. E, então, foi a minha vez de dizer:

– Que é isso, Comandante Boyd, está também com os olhos cheios de água?”



O político não prospera nesse sentimental sonhador. E até prejudica, como ocorre com sua intensa participa-

ção no movimento integralista, fase que lhe tomou acentuada empolgação cívica, quando escreve *O Integralismo em Marcha*, em 1933; *O Integralismo de Norte a Sul*, em 1934; *A Palavra e o Pensamento Integralista*, em 1935; *O Integralismo e o Mundo*, em 1937. E, nesse mesmo ano, *Integralismo e Catolicismo*.

Mas já aí o movimento de cunho fascista, que o entusiasmara, esvaía-se ao final do ano, a 2 de dezembro. Já não existia a Ação integralista Brasileira. E mesmo assim um grupo de seus exaltados batalhadores, ao lado de alguns militares, invadiriam o palácio da Guanabara, no dia 11 de maio de 1938, propondo-se a uma luta armada contra Getúlio Vargas, fracassada por falta de apoio logístico.

Os novos tempos do ditador Getúlio Vargas não apenas extinguiriam o idealismo político, infeliz, de Gustavo Barroso, mas também concorreriam para formar clima de menor atenção ao valor literário daquele que, sem o menor favor, é um dos dez maiores valores da literatura cearense.

Haveria de ficar nele, no entanto, a preocupação pelos fatos históricos, aperfeiçoada ao prestar inestimável colaboração ao País, a dirigir o “Museu Histórico Nacional” em 1922, posição que perderia, ilegalmente, e a ela seria reconduzido posteriormente para completar a fecunda obra a que se propusera.

O historiador desabrocha, esplendente, em Gustavo Barroso a esses dias, principalmente na década de 1925-1934, quando publica, pela ordem, *Guerra do Lopez*, *Guerra de Flores*, *Guerra do Rosas*, *Guerra de Videu*, *A Guerra de Artigas*, *Osório*, *o Centauro dos Pampas*, *Tamandaré*, *o Nelson Brasileiro*, dentre outros.

Sobre sua trajetória à frente do Museu Histórico Nacional, anotou Herman Lima: ao lado de toda sua “atividade, não há como esquecer também o que representa um

verdadeiro patrimônio espiritual e material do nosso passado, amalhado por ele, desde os alicerces, como fundador e diretor do Museu Histórico Nacional, em tantos anos de dedicação ininterrupta, desde a sua criação pelo Presidente Epitácio Pessoa, em 1923, sob planejamento do próprio Gustavo.”

“Lá está de pedra e cal, corpórea e vasta, em forma da monumento público, a obra missionária do escritor que sonhou ser voluntário da Pátria às ordens de Caxias” – escreveu Pedro Calmon a respeito do Museu: “é o imenso retrato da sua fé; o escrínio das relíquias de um Brasil diferente. Entre-se nesse palácio de antiquilhas, que foi o Arsenal de Guerra, e mantém, nas suas linhas coloniais, a sólida majestade de uma praça d’armas, a que a arquitetura da Exposição do Centenário acrescentou os arrebiques barrocos, adequados à sua função comemorativa. Tudo ali é um florilégio enorme da História Pátria, a competente ferramenta, e o seu cabedal de aço e bronze, e o seu tesouro de troféus, e a sua seqüela de informes e documentos e a sua abundância de espadas e estandartes, e a sua policromia de telas e brasões, e a sua fartura de insígnias e metais. Diretor, fundador, animador dessa casa de intangível e pura brasilidade, há trinta e sete anos Gustavo Barroso lhe dispensava a solícitude do lavrador, cuidando, religiosamente, do seu campo. Edificou-a com dedicação de todos os dias; defendeu-a com zelo, até à bravura, de um alcaide antigo, que tivesse a seu cargo a torre senhorial. Defendeu-a, principalmente da incompreensão, da hostilidade, da indiferença; e de tal sorte que nem a indiferença, nem a hostilidade, nem a incompreensão conseguiram arrebatar-lhe as chaves do seu castelo ideal. Lega-o engrandecido e indestrutível às novas gerações. Ele próprio citava muitas vezes o caso do velho lobo do mar, que,

não podendo mais correr as aventuras da profissão, ensinava aos moços os seus segredos. Instalou ali o seu curso de Museologia. Rodeou-se de livros. E, à medida que foi perdendo as ilusões do mundo (às quais, em verdade, pagou tributo doloroso), aperfeiçoou sem descanso a doutrinação histórica.”

1 4

O desafio terrível da última batalha

Coro:

“Vejo o inimigo à proa,
Para nos dar a batalha,
E não sei o que farei
Para a nau virar de bordo!”

AUTO DOS FANDANGOS

Em 1957, perto da marca dos setenta anos, Gustavo Barroso começou a se incomodar com os achaques advindos com a idade. Já não se sentia o mesmo, como antes, disposto a pôr o pé no caminho, mandar-se para o Ceará, onde contentava sua febre de cearensismo. Pelo mês de março de 1958, em carta dirigida à amiga, bibliotecária e pesquisadora Maria da Conceição Souza, escreveu de modo bastante transparente:

“Ultimamente não tenho passado bem de saúde. A máquina (referia-se ao seu organismo de propensão longeva) que completa 70 anos de uso diário está com os parafusos afrouxando. Ouve-se lá um grilinho de vez em quando como nos automóveis que caminharam muito tempo por estradas ruins. Atacou-me de súbito a doença do Eisenhower (que honra!), rebelde leite, inflamação do íleo, da qual, apesar de rigorosa dieta e tratamento adequados, ainda me não livre de tudo.”

Que ileíte essa – possivelmente um CA de intestino ou estômago –, mais por diante, vencidos alguns meses, faria Gustavo Barroso paciente de médicos e afinal internado e operado em hospital do Rio de Janeiro.

Já em missiva, do dia 19 de setembro de 1958, ao seu amigo e escritor Dolor Barreira, o autor de *Terra de Sol* informava:

“Na verdade (a doença) foi uma verdadeira catástrofe que se abateu sobre mim: impediu-me acceder a dois convites, um para o Congresso de Madrid, outro para o Congresso de Museus de Copenhague; reteve-me uns meses na casa de saúde, fez-me perder 16 quilos de peso, transformando-me em esqueleto, atrapalhou meus negócios e custou-me quase 300 contos de réis (soma considerável para aqueles dias, registremos) levando-me economias longamente poupadas. Felizmente sobrenadei e já estou me integrando de novo nas minhas atividades, embora só tenha recuperado 5 dos 16 quilos perdidos e ainda sinta certa fraqueza. Quer me parecer, porém, que fiquei definitivamente curado dos meus enguiços intestinais, pois estou livre de dietas, comendo tudo e com as funções digestivas admiravelmente regularizadas. Foi uma grande experiência em que via a *comadre*, como dizem os franceses, de perto, tive de encará-la com a devida coragem e tirei a prova real das amizades. Confortou-me o apoio moral dos meus colegas da Academia e dos meus funcionários.”

Mas a doença lhe minava o corpo de modo irreversível. E ele sentia a triste realidade, a confessar a outro amigo de Fortaleza:

“Escrevo estas palavras, imobilizado numa poltrona, atanzado de dores por uma enfermidade pérfida e cruel. Perdi o comando da parte do meu corpo, mas conservo íntegro, graças a Deus, o do meu cérebro, e quero consignar por escrito muita coisa que vi e ouvi num velho Brasil, que a Revolução de 1930 começou a matar e já não existe mais senão nas memórias e nos corações cuja duração tem seu limite na morte. A minha única intenção é ser útil: fornecer algumas achegas pessoais aos que estudam, nesse período, a sociologia brasileira.”

Mais na frente, esplendendo todo o carinho (e desejos) pelo Ceará: “O Ceará, muito especialmente Fortaleza, foi e continua a ser o meu mundo. E continuará sempre, estou certo. Não um mundo que eu comando, mas meu mundo que me comanda através do tempo e do espaço, onde quer que eu vá, seja qual for a época. Tamanho poder lhe foi dado, porque foi o primeiro mundo que vi, quando abri os olhos para o mundo, mundo em que, hora a hora, dia a dia, ano a ano, durando e tomando forma, fui no corpo e na alma descobrindo todas as coisas do mundo. O Ceará é o mundo em que sempre me recordo e vejo, só ou acompanhado de tudo quanto vi e toquei desde o berço. Continuarei a viver nesse mundo até que me apague a derradeira luz do mundo. Meu mundo querido e único!”

Ao comemorar setenta anos, na Casa do Ceará, no Rio de Janeiro, tem oportunidade de manifestar-se com toda emoção, rememorando:

... os “primeiros 21 anos da sua vida, até à mocidade, passados no Ceará, e os “49 outros decorridos longe da sua terra natal”; (...) “aqueles 21 anos valiam tanto ou mais que esses 49 que até desapareciam e se apagavam diante dos primeiros. É que dominava nestes” (...) “o amor da terra, das coisas, das cores, das luzes, dos perfumes, dos gostos, de tudo o que, desde muito pequenino, fora descobrindo e amealhando como um tesouro. Na infância e na adolescência descobrira e amara a vida, vestindo-a com todos os véus da fantasia. Na mocidade, na maturidade e na velhice as decepções e a experiência tinham assassinado a fantasia. As paisagens das almas e das terras não eram, pois, as mesmas, não possuíam mais aquele encanto do passado.” Dai, as saudades que, constantemente (renarra Nair de Moraes Carvalho), o alanceavam ao lembrar-se do Ceará, as quais, por vezes, lhe doíam até física-

mente, se assim poderemos dizer. Daí o arrependimento de ter deixado a terra natal para uma audaciosa aventura que as comemorações do seu aniversário estavam coroando de louros, louros que ele trocava, de bom grado, pela inocência feliz de outrora, na pequena e singela Fortaleza da sua meninice.

Trinta dias antes de cerrar os olhos ao mundo, “em casa de Braga Montenegro” – conta Herman Lima – “num almoço a ele oferecido por este último, em Fortaleza, e dias depois, a toda minha gente reunida à sua volta, no velho alpendre do nosso casarão do Meireles, onde fora visitar em despedida, contando anedotas e casos do Ceará do seu tempo, nos quais o velho Felinto Barroso, seu Pai, era um dos impressionantes figurantes”, dominava todos com a sua graça e eloquência.

Dias antes – di-lo ainda Herman Lima, um de seus maiores admiradores – “empanturrara-se, como ele próprio contava depois, com uma vasta panelada em casa de uns primos de Messejana, e, no jantar que nos ofereceu no suntuoso Clube Náutico do Meireles, o vi servir-se às 10 horas da noite, deleitosamente, dum enorme prato de cavala cozida, reclamando um prato fundo, pois “peixe cozido só mesmo com caldo e pirão.”

A todos prometia voltar, pisar mais uma vez o adorado chão do Ceará.

Mas não o fazia mais vivo, infelizmente.

1 5

O viajante na cidade de Deus

Coro dos Marinheiros:

“Já larguei velas ao vento”
Já me vou, já me despeço”

Auto dos Fandangos

“Tomou-o um anjo nos braços,
Não n’o deixou afogar.
Deu um estouro o demônio.
Acalmaram vento e mar
E à noite, a “Catarineta”
Estava em terra a varar.”

NAU CATARINETA

Os anos vão passando na vida do escritor, atenuando certamente os desgostos e até decepções que experimentara em seu episódico envolvimento com o ideário fascista da Ação Integralista Brasileira. Mas o homem de extraordinário valor, que se afirma nele, volta a impor-se a seus contemporâneos. Em 1947 é escolhido para representar o Brasil na Assembléia Cervantina, que se reuniu em Madrid. Em 1950 é chamado a pronunciar conferências na Universidade de Coimbra. No ano subsequente, comparece como Embaixador do Brasil à posse do Presidente do Uruguai; e como representante do Brasil estará presente à X Conferência Interamericana de Caracas. E o vemos na posse do Presidente do Peru, em 1956, como delegado do Brasil.

Desse tempo a sua intensa colaboração na revista *O Cruzeiro*, artigos breves mas bem informados sobre acontecimentos históricos do País.

É quando amiúda as viagens sentimentais ao Ceará, terra que não lhe sai do coração. Pelo menos uma ou duas vezes por ano vem rever Fortaleza, e aí recepcionado pela Casa de Juvenal Galeno, festejado pelos intelectuais cearenses, indo e vindo pelas ruas da cidade, como nos relembra Herman Lima:

“Dizia Gustavo às vezes que muita gente já pensava que ele estivesse tresvariando certas horas, pois não era raro andar falando sozinho pelas ruas de Fortaleza. Mas, é que falava com os mortos. A cada porta, a cada esquina, encontrava, ao passar, os homens provectos de seu tempo, os amigos ou simples conhecidos, cuja presença podia corporificar tão nitidamente como aos seus contemporâneos de agora.”

Indiscutivelmente, um homem entranhado de seus passados. E não via apenas os seres humanos, com os quais convivera na fulguração de sua adolescência, mas a própria forma física de edifícios que o cercavam com reminiscências sempre revividas com insopitável satisfação nas oportunidades em que visitava sua terra natal.

Podia, sem o menor esforço – como o fazia, certo dia, em pronunciamento proferido na Academia Cearense de Letras – relembrar com precisão cronométrica prédios, coisas e pessoas da sua querida vivência na urbe de seus amores:

“Ali, naquela esquina, num prédio de platibanda alta, com mezaninos, foi o meu colégio. Ali cursei três anos da série primária, sob a direção do saudoso professor Lino da Encarnação. Na esquina em frente havia uma venda de chão de terra batida, com calçada de tijolo, já desaparecida, a venda do Lopicínio. Quando a gente saía do colégio, ia lá comprar um tostão de biscoitos *Facão*, que não se fazem mais e que não posso mais comer. Lá está a praça batizada e crismada com vários nomes, o Quartel de Polícia e a Escola Normal, com a Cavalaria no meio. A família Padilha morava do outro lado, e o velho Belarmino de Vasconcelos na outra esquina. No meio da praça, forrada de mata-pasto, cresciam carrapateiras cobertas de salsas de flores violeta em volta das ruínas dum famoso teatro que o governo jamais quis concluir, e foi necessário destruir, a dinamite, para ajardinar a praça crismada em Senador

Nogueira Acioly. Rodeavam-na velhas mongubeiras e castanholeiras, dominavam-na os sombrios tamarineiros seculares. Esse era o nosso recreio e campo de batalha, porque muita vez saíamos formados para combater contra o colégio do Padre Barbosa de Jesus, que ficava na outra rua. Nesses combates tomávamos parte com os bolsos cheios de caroços de monguba, conduzindo na mão uma tampa de lata de querosene que nos servia de escudo... Aqui vizinho ficava o palacete do Dr. Nogueira Accioly, com duas grandes araucárias como dois triângulos verdes na porta principal. Nesta casa solarenga morava o Dr. Tomás Pompeu, que meu Pai chamava, familiarmente, de Tomazinho e que tinha sido seu companheiro de mocidade. Havia uma porta que dava para o jardim do Dr. Accioly, por onde o Dr. Tomás Pompeu se comunicava com ele. Passava eu aqui duas vezes: de manhã, quando ia para o colégio, à tarde quando voltava das aulas ou algumas vezes à noite quando acontecia ficar preso. Este espelho é meu conhecido desde os nove anos de idade. Eu o contemplava ao passar pela janela aberta.”

Em carta ao Padre Azarias Sobreira, em 1957, como relata ainda Herman Lima, o escritor confessa:

“Não fossem as contingências da vida, obrigações de família, imposições de cristão, mau cristão, porém, cristão ainda assim, desde muitos anos estaria vivendo no Ceará, tendo abandonado tudo, todas as quinquilharias que aos olhos do mundo parecem valer muito e nada valem.”

Nair de Moraes Carvalho, que privou como poucos de sua intimidade no Rio, contaria em sessão do Instituto do Ceará, anos depois da morte do grande escritor:

“Em todas as oportunidades de sua vida, através da pena e da palavra, soube sempre demonstrar o seu amor ao Ceará. A sua última página, escrita no dia 15 de no-

vembro de 1959, isto é, 18 dias antes de falecer, é dedicada ao Ceará, um verdadeiro grito de dor, de saudade inconsolável! Escreveu ele:

“O Ceará, muito especialmente Fortaleza, foi e continua a ser o meu mundo. E continuará sendo, estou certo.” A Waldir Liebmann – informa Nair de Moraes Carvalho – Gustavo Barroso escreveu certa vez: “Quando eu morrer, não procurem minh’alma noutra lugar senão nas várzeas da Messejana, nas estradas do Curió e na da Jurucutuoca. Ali ela estará vagando.”

A última viagem ao Ceará fá-lo-ia o autor de *Terra de Sol* já arrebatado ao mundo dos vivos. Não haveria mais de percorrer as ruas da cidade, como se “Tresviasse”, para encontrar todas as figuras humanas, já desaparecidas, que haviam povoado a sua vida. É que a elas se juntava, acrescentado a tão cara memória de suas afeições.

O expressivo, pungente e emocionante discurso do jornalista Luis Sucupira, quando da solenidade da trasladação dos restos mortais do ilustre escritor para o repouso eterno aos pés da estátua em sua homenagem, na praça que também recebe seu nome, é comovente e solidário epitáfio de muitos pensamentos:

“A terra amada vai-se transformar em terra amante, e, depois de exaltada pelo filho querido, irá embalá-lo nos seus braços amoráveis, para que ele durma na placidez de um jazigo todo especial o sono pompeante da imortalidade.

“O peregrino do ideal, que correu mundos e conquistou espaços, na ânsia de ver e de viver, de sentir e de sonhar, retorna ao lugar de onde partiu, o que era, afinal, seu desejo mais adiante, sua aspiração mais acarinhada.”

Nesse instante de reparação e homenagem ao autor de *Terra de Sol*, o jornalista fala como legítimo represen-

tante da gente cearense, grata e reverenciosa, a definir-lhe a vibrante personalidade neste elogio:

“Engenho enciclopédico, Gustavo Barroso tudo conquistou na sua maravilhosa trajetória pelos ingentes caminhos da glória. Foi tudo o que desejou ser na vasta liça das justas da inteligência, do saber e do coração. Conheceu e viveu dias de esplendidez e de felicidade. Graças ao esforço próprio, alcançou triunfos diplomáticos e conquistas literárias. Escafandrista da História Pátria, exumou dos arquivos empoeirados episódios os mais vibrantes, aspectos épicos ou sentimentais dos nossos evos, façanhas mavórticas ou narrativas líricas, e, assinalando com um sentido eminentemente patriótico sua passagem pelo Poder Legislativo, restaurou na sua pompa e nos seus fins os Dragões da Independência, que volveram a funcionar como tropa de elite e de exibição vistosa na ordem militar. Dedicado de corpo e alma ao engrandecimento da Pátria, pelo culto do passado, fonte dos mais belos ensinamentos de heroísmo e de sacrifícios, organizou, dirigiu e celebrizou o Museu Histórico Nacional, que é, hoje, não apenas um maravilhoso patrimônio do povo brasileiro, mas, sobretudo, um imenso e prodigioso livro aberto para quantos desejem e pretendam pelo exemplo dos ilustres antepassados formar e fortificar o verdadeiro amor pelo Brasil.”

E quase ao final de tão consagrada oração, o historiador ressoa sua voz com a verdade dos que sabem exaltar os merecimentos com propriedade:

“Esta cerimônia não é um fim de viagem. É o começo de uma epopéia. De agora por diante os que para aqui olharem, os que aqui pararem saberão que há debaixo desta figura que o bronze tão facilmente retratou algo mais do que a pedra fria, do que o metal severo. No plinto deste monumento agora transformado em relicário descansam

restos mortais que aqui foram depositados para receber o culto devido aos grandes homens.”

“E o grande homem que aqui descansa, deixando de ser o peregrino dos continentes para transformar-se no peregrino que procurou a Cidade de Deus, no peregrino sem remorsos, sem pecados, sem fadiga, continuará espargindo, através dos livros que deixou, das obras que escreveu, dos trabalhos que realizou, a força do seu talento, a grandeza dos seus pensamentos e a beleza dos seus ideais.”

Referências bibliográficas

- BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*, Edições do Instituto do Ceará, tomo, Fortaleza, 1954.
- *História da Literatura Cearense, 4.*” tomo, Edições do Instituto do Ceará, Fortaleza, 1962.
- BARROSO, Gustavo. *Ao Som da Viola*, Rio de Janeiro, 1949.
- _____. *Terra de Sol*, Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza, 1962.
- _____. *Coração de Menino*, Getúlio M. Costa Editor, Rio, MCMXXXIX
- _____. *Liceu do Ceará*, Editor Getúlio Costa, Rio, MCMXL.
- _____. *O Consulado da China*, Editor Getúlio Costa, Rio, s . d.
- CAMPOS, Eduardo. *Terra de Sol*, setenta anos depois, in *Jornal de Cultura*, Universidade Federal do Ceará, Ano 1, n.º 11, Fortaleza, 1983.
- CARVALHO, Nair de Moraes. *Gustavo Barroso*, in *Revista do Instituto do Ceará*, Tomo LXXVIII, ano LXXVIII, Fortaleza, 1964, p. 160 e 85.
- COLARES, Otacílio. *Introdução Crítica* (Gustavo Barroso e o Regionalismo), in *Praias e Várzeas, Alma Sertaneja*, Livraria José Olympio, Rio de Janeiro, 1979.
- LIMA, Herman. *Poeira do Tempo* (memórias), Livraria José Olympio, Rio, 1967.
- SUCUPIRA, Luis. *Gustavo Barroso*, in *Revista do Instituto do Ceará*, Tomo LXXX, ano LXXX, Fortaleza, 1966, p. 217 e ss.

Apêndice

DADOS BIBLIOGRÁFICOS DE GUSTAVO BARROSO

Nascido em Fortaleza, Estado do Ceará, a 29 de dezembro de 1888.

Filho de Antônio F. Barroso e Ana Dodt Barroso.

Educado no Liceu do Ceará, Fortaleza, 1906. Coursou a Faculdade de Direito de Fortaleza, 1907/1909;

Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, 1910/1911, onde colocou grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais.

Faleceu no Rio de Janeiro, a 3 de dezembro de 1959.

Atividades Culturais

Redator do *Jornal do Ceará*, 1908/

Redator do *Jornal do Comércio*; Rio de Janeiro, 1913/1919.

Redator do jornal humorístico *O Garoto*; de Fortaleza.

Secretário Geral da Comissão de Defesa da Borracha, Rio de Janeiro, 1913.

Secretário de Estado do Interior e Justiça, no Ceará, 1914.

Deputado Federal pelo Estado do Ceará, 1915/1918.

Secretário 4ª Delegação Brasileira a Conferência da Paz, 1919.

Inspetor Escolar, Rio de Janeiro 1919/1922.

Secretário Geral, da Junta Americana de Jurisconsultos, 1927.

Secretário Geral da Academia Brasileira de Letras, 1928-1931-1949.

Presidente da Academia Brasileira de Letras, 1931-1932-1950.

Diretor da revista *Fon-Fon*, desde 1916.

Diretor e fundador do Museu Histórico Nacional, desde 1922.

Representante do Brasil na Comissão Internacional de Monumentos Históricos (criada pela Liga das Nações)

Representante do Brasil nas comemorações dos centenários de Portugal, 1940.

Representante do Brasil no Congresso ibero-americano de Berlim, 1940.

Colaborador de *A Manhã*, desde 1942. Colaborador da revista *O Cruzeiro*, desde 1948.

Colaborador da revista *Ilustração Brasileira*, desde 1942.

Representante do Brasil a Assembléia Cervantina em Madrid, 1947.

Diretor e professor do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional, desde 1932.

Convidado pela Universidade de Coimbra para fazer conferências, em maio de 1950.

Embaixador do Brasil em missão especial nas solenidades de posse do presidente da República Oriental do Uruguai, em fevereiro de 1951.

Delegado do Brasil à X Conferência Interamericana de Caracas, 1954.

Embaixador do Brasil em missão especial nas solenidades de posse do presidente do Peru, 1956.

Membro da Comissão do Ministro das Relações Exteriores, embaixador José Carlos de Macedo Soares, na sua visita ao Chile.

BIBLIOGRAFIA DE GUSTAVO BARROSO

Obra do autor

- Terra de Sol* (costumes do Nordeste). Rio de Janeiro, B. de Aquila, 1912, e mais quatro edições, a mais próxima em 1962, pela Imprensa Universitária do Ceará.
- Praias e Várzeas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves Lisboa, Aillaud Bertrand, 1915.
- Heróis e Bandidos* (Os cangaceiros do Nordeste). São Paulo/Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1917, 2. edição em 1931.
- Idéias e Palavras*. Rio de Janeiro, 1917.
- A ronda dos séculos*. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro & Maurílio, 1920. 3 e 4 edições, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1936-1937.
- Ao som da viola* (folclore). Rio de Janeiro, Leite Ribeiro, 1921. Nova edição corrigida e aumentada, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1949.
- Casa de maribondos* (contos). São Paulo, *Revista do Brasil*, Monteiro Lobato & Cia., 1921.
- Coração da Europa*. Rio de Janeiro, A. J. Castilho, 1922.
- Mula sem cabeça*. São Paulo, Edição Olegário Ribeiro, 1922.
- Inteligência das coisas*. Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, 1923.
- O sertão e o mundo*. Rio de Janeiro, Livraria Leite Ribeiro, 1923.
- Alma sertaneja*. Rio de Janeiro. Benjamin Costallat & Miccolis, 1923.
- O livro dos milagres*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1924.
- O ramo de oliveira*. Rio de Janeiro, Edição do Anuário do Brasil, 1925.
- Tição do inferno* (romance bárbaro). Rio de Janeiro, B. Costallat & Miccolis, 1926.

Através dos folclores. São Paulo. Companhia Melhoramentos de Silo Paulo, 1927.

A guerra do Lopez. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1928. Desta obra foram tiradas mais quatro edições.

A guerra do Flores. Silo Paulo, Companhia Editora Nacional, 1929. Houve deste livro mais duas edições.

A guerra do Rosas. Silo Paulo. Companhia Editora Nacional, 1929, 2 edição em 1939.

Almas de lama e de aço. Silo Paulo, Companhia Melhoramentos de Silo Paulo, 1930.

A guerra de Artigas. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1930, 2. edição em 1939.

A guerra do Videu. Silo Paulo. Companhia Editora Nacional, 1930, 2 edição em 1939.

Aquém da Atlântida. Silo Paulo, Companhia Editora Nacional, 1931.

O bracelete de safiras. Rio de Janeiro, Editora Americana, (s/d).

As colunas do templo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1932.

Luz e pó. Rio de Janeiro, Renascença, 1932.

A senhora de Pangim (romance). Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1932. Este livro teve mais três edições.

O integralismo em marcha. Rio de Janeiro, Schmidt, 1933. 2.^a edição em 1936.

O que o integralista deve saber. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1935.

Mulheres de Paris. Rio de Janeiro, Mansa Editora, 1933.

O santo do brejo (romance). Rio de Janeiro, Renascença, 1933.

Osório – o centauro dos pampas. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1933. 2.^a edição em 1939.

Tamandaré – o Nelson brasileiro. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1933. Desta obra foram feitas mais 3 edições.

Brasil, colônia de banqueiros. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1934. Várias edições, posteriormente.

O integralismo de norte a sul. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1934.

O quarto império. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1934.

O quarto império. Rio de Janeiro. José Olympio, 1935.

História secreta do Brasil (1.^a parte). São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937. Nova edição em 1939.

História secreta do Brasil (2.^a parte). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1938.

História secreta do Brasil (3.^a parte). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1938.

Os protocolos dos sábios do Sião. (Texto completo e apostilado por Gustavo Barroso), Silo Paulo. Minerva, 1936, 2.^a e 3.^a edições em 1936-1937.

Reflexões de um bode. Rio de Janeiro, Gráfica Educadora Ltda. (s.d.). 2.^a edição, também s/d.

Comunismo, cristianismo e corporativismo. Rio de Janeiro, Editora ABC, 1938.

O livro dos enforcados. Rio de Janeiro, Getúlio M. Costa, 1934.

O Brasil na lenda e na cartografia antiga (Série 5^a – “Brasiliana”). São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1941.

Portugal, semente de impérios. Rio de Janeiro, Getúlio Costa (s/d).

Seca e Meca e olivais de Santarém. São Paulo, Presença, 1946.

Quinas e castelos. São Paulo, Editora Panorama, 1948.

Cinza do tempo (contos). Rio de Janeiro, A Noite (s.d).

Coração de Menino (memórias). Rio de Janeiro, Getúlio M. Costa, 1939.

Liceu do Ceará (memórias). Rio de Janeiro, Getúlio M. Costa, 1940.

O consulado da China (memórias). Rio de Janeiro, Getúlio M. Costa (s/d).

História do Palácio Itamarati. Rio de Janeiro, IBGE, 1956.
Mississipe (romance). Rio de Janeiro, Empresa Gráfica O
Cruzeiro, 1961.
À margem da História do Ceará. Fortaleza, Imprensa Uni-
versitária do Ceará, 1962.
Nos bastidores da História do Brasil. São Paulo, Compa-
nhia Melhoramentos de São Paulo, 1959.
História de nossa pátria (2 vols.). Rio de Janeiro, Editora
Brasil América Ltda., 1.º vol. – 1959; 2.º vol. – 1962.
Observação: Inúmeros outros títulos constituem a imensa
bibliografia de Gustavo Barroso. Alinhamos apenas os
das obras que subentendem maior planejamento e que
consideramos de maior perenidade.

Sobre o autor

Humberto de Campos. *Crítica* (3.ª série). Rio de Janeiro,
M. M. Jackson, 1935.
Gilberto Freyre. *Casa grande & senzala* (12.ª edição brasi-
leira). Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1963.
Luiz da Câmara Cascudo. *Dicionário do folclore brasileiro* (2.ª
edição). Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1962.
Braga Montenegro *in* Gustavo Barroso. *Terra de sol* (Apre-
sentação da edição do cinqüentenário da obra). Forta-
leza, Imprensa Universitária do Ceará, 1964.
Afrânio Coutinho. *A literatura no Brasil* (Vol. I – Tomo 2).
Rio de Janeiro, Editorial Sulamericana, 1955.
Basílio de Magalhães. *O folclore no Brasil* (3.ª edição). Rio
de Janeiro, Editora O Cruzeiro, 1960.
Antônio Sales. “História da literatura cearense”, *in*. *O Cea-
rá*, de Raimundo Girão e Martins Filho (1.ª edição), For-
taleza, 1939.

- Dolor Barreira. *História da literatura cearense* (1.^a, 2.^a, 3.^a e 4.^a Vols.). Fortaleza, Edições do Instituto do Ceará, 1948, 1951, 1954 e 1962.
- Mário Linhares. *História literária do Ceará*. Rio de Janeiro, 1948.
- Raimundo de Menezes. *Dicionário literário brasileiro* (5 Vol.). São Paulo, Edições Saraiva, 1969.
- Otacílio Colares. *Lembrados e esquecidos I II*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1976.
- Sânzio de Azevedo. *Literatura cearense*. Fortaleza, publicação da Academia Cearense de Letras, 1976.
- Tomé Cabral. *Dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza (Ceará), 1972.
- Celso Pedro Luft. *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira*. Porto Alegre, Editora Globo, 1973.
- José Aurélio Saraiva Câmara. *O tempo e os homens*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1967.
- Abelardo F. Montenegro. *O romance cearense*. Fortaleza, 1953.
- Raimundo Girão. *Vocabulário popular cearense*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1967.
- Florival Seraine. *Antologia do folclore cearense*. Fortaleza, Editora Henriqueta Galeno, 1968.
- Artur Eduardo Benevides. *Evolução da poesia e do romance cearense*. Fortaleza, 1976.
- Alceu Amoroso Lima. *Estudos literários* (Edição organizada por Afrânio Coutinho - 1.^o e 2.^o Vols.). Rio de Janeiro, Aguilar, 1966.
- Terra da luz* (antologia). São Paulo, Edições SEC. Publicação da Editora Monumento S. A., 1966.

Bibliografia e dados biográficos organizados por Otacílio Colares para a edição de *Praias e Várzeas* e *Alma Sertaneja*, Edição da Academia Cearense de Letras e Livraria José Olympio Editora, Rio, 1979.